



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ  
CURSO DE PEDAGOGIA

**EVALDO DA COSTA PEREIRA JUNIOR**

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NO TERREIRO:**  
o caminhar de um filho de santo no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

Codó (MA)

2023

**EVALDO DA COSTA PEREIRA JUNIOR**

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NO TERREIRO:**

o caminhar de um filho de santo no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilka Cristina Diniz Pereira

Codó (MA)

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, EVALDO.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NO TERREIRO : O caminhar de um filho de santo no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum / EVALDO Pereira. - 2023.

69p.

Orientador(a): Ilka Cristina Diniz Pereira.  
Monografia (Graduação)- Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2023.

1. Candomblé. 2. Codó-MA. 3. Educação. I. Pereira, Ilka. II. Título.

**EVALDO DA COSTA PEREIRA JUNIOR**

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NO TERREIRO:**

o caminhar de um filho de santo no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Ilka Cristina Diniz Pereira** (Orientadora)

---

**Prof.<sup>ª</sup> Dra. Thaís Andrea Carvalho de Figuerêdo Lopes**  
1<sup>a</sup> Examinadora

---

**Prof Dr. José Carlos Aragão Silva**  
2<sup>a</sup> Examinador

Dedico esse trabalho a minha mãe, irmãs, as minhas mães de santos e alguns amigos que me incentivaram até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Escrevo essas palavras de agradecimento em uma sexta-feira, onde para nós do Candomblé sempre reverenciamos Oxalá, o senhor do branco, o senhor total. Nesse momento me vem tantas lembranças, lembranças essas que me fazem pensar que para chegar nesse momento, tantas pessoas importantes fizeram-se presente nesse processo.

Era um sonho distante entrar em uma Universidade Federal, pois a concorrência sempre foi grande, por esse sonho ser distante na época, comecei a estudar em uma faculdade particular, onde pedi ao meu Pai que me ajudasse a pagá-la, porém, isso me fora negado. Continuei até onde podia, com o tempo precisei sair da faculdade porque não conseguia mais custear meus estudos. No período que estava na faculdade não perdia uma edição do Enem, foi então que tirei uma nota boa e usei a para concorrer uma vaga na Universidade Federal que não fosse tão distante da minha família. Alguns dias depois, vi que eu tinha sido aprovado! A felicidade foi tanta que não contive as lágrimas, pois um novo ciclo se iniciava.

Minha estada na cidade foi um pouco conturbada, porque eu não tinha um lugar fixo para poder me concentrar de fato nos estudos, mas nos primeiros períodos recebi ajuda de vários amigos que também estudavam na mesma Universidade. Passei, então, a morar em uma república de estudantes, e como eu estava no meio de estudantes e professores, passei ainda mais a me dedicar nos estudos. Nem sempre eu tinha o que comer, porém esses mesmos amigos me ajudavam, e com o passar dos meses consegui uma bolsa na Universidade que me proporcionou vários benefícios, e um deles era o que mais me preocupava, “a alimentação”.

Ao adentrar a Universidade me deparei com um mundo muito diferente do que eu vivia socialmente, mundo esse que me fez repensar na vida, onde eu queria ou poderia chegar. Fiz tantos amigos, alguns tenho até hoje, bem como aqueles que foram apenas passageiros, mais que de alguma forma contribuíram com minha formação acadêmica.

Ao longo da minha caminhada acadêmica aconteceram tantas coisas, uma delas quase me fizera desistir do curso. Minha mãe adoeceu e precisei cuidar dela, quase a perdi, mas Deus ouviu nossa prece. Minha mãe tem uma doença rara, que não sei dizer ao certo o nome. Precisei trancar o curso por dois períodos, inclusive, perdi a bolsa que eu havia ganhado, esse mesmo auxílio me permitia ficar na cidade até a finalização do curso, porém os caminhos tomaram rumos totalmente diferentes do que eu planejava.

Com o tempo retornei à Universidade, continuando a estudar de onde parei e, por estar muito atrasado, tive dificuldades de acompanhar minha turma de origem, e foi aí que

aconteceu um fato que me intriga até hoje. Muitos dos meus colegas me olhavam com um ar de superioridade, por eu estar atrasado e eles quase concluindo o curso, não dei muita atenção a esse fato, porque alguns conseguem chegar rápido ao seu destino e, às vezes, a pressa não quer dizer que essa pessoa aprendeu de fato o que deveria aprender. Aprendi que existe um tempo para tudo, inclusive o tempo de aprender, o tempo de concluir algo.

No meu tempo de concluir o meu curso, começo agradecendo ao meu pai Olodumaré (Deus), agradeço também aos Orixás, de Exu à Oxalá e aos encantados de Luz, especialmente meu pai Waldemar Librina que sempre está ali para nos guiar. Agradeço profundamente as minhas Yiás, Mãe Nilza de Odé, Mãe Ruth da Oxum, agradeço também a minha mãe carnal, minhas irmãs e alguns amigos, alguns deles, com o tempo tiveram que seguir seus caminhos, mais que de alguma forma contribuíram com minha formação.

Minha mãe e minhas irmãs sempre estiveram presente na minha caminhada acadêmica, diferente do outro irmão e o próprio pai, que deu a entender que não é muito interessante está em uma Universidade, ainda mais pelo curso escolhido, mas nunca deixei essa questão me abalar, pois o mais importante é você gostar do que faz, e amo o curso que escolhi. Fiz um trabalho acadêmico, na qual precisávamos escolher um tema para falar da nossa caminhada até a vida acadêmica, pois bem, o meu tema foi, “As mulheres da minha vida”, onde falei o quanto minha mãe e minhas irmãs me ajudaram nessa caminhada, e o quanto elas são fortes, pois fui criado por elas, mulheres solas, e sou agradecido até hoje, muito obrigado meus amores.

Agradeço também ao Atalício Moreira, Nayara Oliveira, Aline, Zara, Denys, Thalita, Magnos Araújo, Beatriz, Vando, Marcela, esses amigos me ajudaram muito, e me incentivaram a seguir em frente, mesmo com as dificuldades. Ao Atalício agradeço profundamente, por que foi através dele, com ajuda dele, que comecei enxergar um mundo diferente, um mundo de aprendizado e de possibilidades. Atalício também me ajudou no momento que eu me encontrava muito doente, tirou do seu próprio bolso para poder me ajudar, pois eu precisava fazer uma cirurgia o mais rápido possível, por isso e por outras sou grato a ele.

Agradeço também ao Mauricio Souza, que me ajudou e me ajuda muito, não tenho nem palavras para descrever o quanto ele vem me ajudando nos meus estudos, além do mais ainda me cedeu sua casa para poder continuar em frente com minha vida acadêmica. Hoje me encontro em sua residência, com o sonho de um dia possuir a minha própria casa. Mauricio também comprou um notebook para nós dois podermos estudar, principalmente eu, que ele via minha dificuldade e necessidade de ter acesso a tecnologia. Muito Obrigado Mauricio.

Tenho muito a agradecer ao professor Luís Serra que me ajudou no meu trabalho oral apresentado na UFMA de Bacabal, e por custear metade das despesas, e por me ensinar certas técnicas acadêmicas durante o curso. Agradeço também a professora Severina Cantanhede por sempre me aconselhar, brigar, e me levar para o caminho certo, tenho profundo agradecimento a professora Kelly e a professora Franciely Monique, onde partilhei segredos, onde sentiram minha dor, juntamente comigo, obrigado por tudo, meus heróis e heroínas.

Quando foi para iniciar minha pesquisa, procurei algo que fosse voltado não só para a pedagogia, mas também para a questão das ciências humanas, e nesse percurso de pesquisa tive ajuda de professores excepcionais, como a professora Kelly Almeida, Professor Dilmar e minha orientadora Professora Dra. Ilka Pereira.

Agradeço muito Minha orientadora, que além de ser uma pesquisadora sobre as religiões de Matriz afro, é praticamente minha irmã de santo do terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, sempre está ali me ensinando como preciso absorver e processar as informações necessárias para colocar na escrita.

Muito obrigado a UFMA Campus Codó, esse espaço me fez acreditar que tudo é possível, me fez o que sou hoje, obrigado por ajudar e continuar ajudando muitas pessoas a se tornarem letradas. A UFMA, além ser um espaço educativo, é um espaço onde fazemos muitas amizades, é como se fosse o espaço familiar no qual construímos vínculos, vivências que vão nos ajudando a pensar criticamente e a tomar posições diante da vida.



*“Usar corretamente a Cabeça é certeza de grandes realizações”*

*Mãe Stela de Oxóssi*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a compreensão dos processos educativos pelo quais passa um filho de santo no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, bem como, busca investigar os aspectos filosóficos e pedagógicos que demarcam o Terreiro, suas implicações na formação do filho de santo, as metodologias utilizadas no processo de aprendizado e os fatores que contribuem para o desenvolvimento intelectual e pessoal no terreiro. Além disso, informa sobre o próprio processo de formação religioso/espiritual do pesquisador e sua longa caminhada até à sua feitura. Esse trabalho se estruturou a partir de pesquisas bibliográficas e, de campo, a partir de uma perspectiva etnográfica baseado na observação, escritos, registros fotográficos e aplicação de questionários para uma melhor compreensão sobre a formação do filho de santo e o processo educativo no terreiro de Candomblé Ilê axé de Oxóssi e Oxum.

Palavras-chave: Candomblé; Educação; Codó-MA.

## **ABSTRACT**

This work aims at understanding the educational processes that a son of saint goes through at the Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, as well as investigating the philosophical and pedagogical aspects that demarcate the Terreiro, their implications in the formation of the son of saint, the methodologies used in the learning process, and the factors that contribute to the intellectual and personal development at the Terreiro. In addition, it informs about the researcher's own religious/spiritual formation process and his long path to becoming a son of saint. This work was structured on the basis of bibliographic and field research from an ethnographic perspective based on observation, writings, photographic records, and the application of questionnaires for a better understanding of the formation of the son/daughter of saint and the educational process in the Terreiro Candomblé Ilê axé de Oxóssi e Oxum.

**Keywords:** Candomblé; Education; Codó-MA.

## LISTA DE IMAGENS

|           |  |    |
|-----------|--|----|
| Imagem 1  | – Ilê Iyá Nassô Oká.....   | 22 |
| Imagem 2  | – Ilê Iyá Nassô Oká hoje.....  | 23 |
| Imagem 3  | – Casa das Mina Jeje e Nagô.....   | 25 |
| Imagem 4  | – Ilê Axé Iemowá (Casa de Iemanjá).....  | 26 |
| Imagem 5  | – Casa Fanti Ashanti em São Luís MA.....                                       | 27 |
| Imagem 6  | – Mapa geográfico de Codó – MA.....  | 28 |
| Imagem 7  | – Quilombo Santo Antônio dos Pretos – Codó MA.....                             | 29 |
| Imagem 8  | – Terecô de Codó-MA.....   | 30 |
| Imagem 9  | – Ialorixá Nilza de Odé e Ruth da Oxum.....                                    | 32 |
| Imagem 10 | – Estatuto com o primeiro Nome do Terreiro de Mãe Nilza.....                   | 33 |
| Imagem 11 | – Ata de mudança de nome do Terreiro de Mãe Nilza.....                         | 34 |
| Imagem 12 | – Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....  | 35 |
| Imagem 13 | – Laterais do terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....                           | 36 |
| Imagem 14 | – Sessão no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....                             | 39 |
| Imagem 15 | – Momento de aprendizado em coletivo no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum..... | 40 |
| Imagem 16 | – Processo da comida dos Orixás no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....               | 42 |
| Imagem 17 | – Xirê de Oxóssi.....  | 43 |
| Imagem 18 | – Colhendo as ervas no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....                  | 49 |
| Imagem 19 | – Fazendo o Banho de Ervas.....  | 50 |
| Imagem 20 | – Sessão de aprendizado no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....              | 51 |
| Imagem 21 | – Momento de aprendizado no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....             | 53 |
| Imagem 22 | – Momento de Aprendizado alguns dias antes da Festa de Oxóssi.....             | 54 |
| Imagem 23 | – Confecção de Guias no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....                 | 55 |
| Imagem 24 | – Guias confeccionadas no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.....               | 56 |
| Imagem 25 | – Momento antes de iniciar a festa.....  | 57 |
| Imagem 26 | – Família de santo momentos antes de iniciar a festa.....                      | 58 |
| Imagem 27 | – Festa de Oxóssi.....   | 58 |
| Imagem 28 | – Alegria - festa de Oxóssi.....   | 59 |

## SUMÁRIO

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                    | <b>14</b> |
| <b>2</b>   | <b>CAMINHOS PERCORRIDOS.....</b>                          | <b>18</b> |
| <b>2.1</b> | <b>O caminhar de uma religião Afro-Brasileira.....</b>    | <b>20</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Terreiro de Candomblé sem folha não tem Orixá.....</b> | <b>36</b> |
| <b>3</b>   | <b>O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM FILHO DE SANTO.....</b>   | <b>45</b> |
| <b>4</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                     | <b>63</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                   | <b>66</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar a complexidade da formação de um (a) filho (a) de santo e os processos educativos vivenciados no Terreiro de Candomblé Ilê Axé de Oxóssi e Oxum na cidade de Codó.

Ao longo da história, vê-se que os processos educativos nos terreiros de matrizes africanas vêm despertando interesse de vários pesquisadores, como Sousa (2022), Souza *et al.* (2021), Jesus e Fontela (2020), Godoi *et al.* (2020), Macedo, Maia e Santos (2019), Vieira *et al.* (2018), Nascimento (2019) e Santana (2017). Mais recentemente, pode-se verificar uma produção de pesquisas, nesse campo, realizadas em um duplo movimento no que se refere à relação sujeito x objeto, pois quando o nativo<sup>1</sup> é pesquisador, ele passa a ser, também, pesquisado. Este é o ponto de partida deste trabalho.

Neste sentido, desde o início da nossa formação acadêmica, aprendemos a separar o sujeito do objeto, tentando manter a devida “distância” para melhor analisarmos os fenômenos e suas incidências ao redor da sua órbita. Essa estratégia apreendida vai se dissipando quando passamos a pesquisar o nosso próprio processo de formação em um terreiro de Candomblé. É tudo muito próximo, às vezes, inseparável. “Quem faz o santo”, “quem deita para o santo” é escolhido em um processo que está ligado à sua ancestralidade. Não se trata de uma escolha individual. É uma longa trajetória espiritual que está assentada na pessoa. Como os mais antigos costumam dizer: “vem de muito longe”!

Portanto, o pesquisador precisa entender a religião, seus fundamentos, sua filosofia, as práticas trabalhadas, mas, tudo isso, em um processo de imersão mais profundo, pois a sua formação religiosa, espiritual, vai se dando e modificando o seu pensar, o seu agir, à medida que passa a compreender o mundo sobre as bases formadoras do Candomblé. A vivência desse processo investigativo/de formação, altera, sobretudo, as estratégias utilizadas na pesquisa, uma vez que o pesquisador e o “objeto” da pesquisa estão em profunda transformação.

A educação abordada no terreiro de Candomblé é um fenômeno que tem uma pedagogia própria e um processo educativo que só as Ialorixás e Babalorixás têm a sabedoria e sabem o tempo exato de cada ensinamento. Isto porque trata-se de um conhecimento que advém de uma profunda experiência, vivência, baseada em uma cultura oral que vai passando de geração em geração.

---

<sup>1</sup> Filho de santo recém-iniciado.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é compreender os processos educativos pelo quais passa um filho de santo no terreiro Ilê Axé. De forma mais específica, buscou-se investigar os aspectos filosóficos e pedagógicos que demarcam o Terreiro, suas implicações na formação do filho de santo e as metodologias utilizadas no processo de aprendizado, os fatores que contribuem para o desenvolvimento intelectual e pessoal no terreiro, bem como, o próprio processo de formação religioso/espiritual do pesquisador.

O terreiro é um espaço de vivência de grandes experiências. No terreiro se aprende a construir valores, respeito, cultura e, além disso, ajuda a entender o espaço ao nosso redor, a conhecer melhor a natureza. A caminhada de um filho de santo até seu processo de iniciação perpassa por diversos aprendizados, como limpar um espaço, cantar, dançar, colher as ervas no momento certo, sempre respeitando a natureza e exercitando a mente de forma firme e positiva.

Sendo assim, a forma de educação dentro desse ambiente passou a me instigar, considerando todos os aspectos de aprendizado que ali se adquirem desde muito cedo. No Terreiro se aprende observando, escutando, praticando, perguntando nas horas certas e compreendendo a utilização desse meio de ensino, onde a prática e a oralidade caminham juntas.

Segundo Souza Cruz e Dupret (2010), a educação nos terreiros é dada naturalmente, sem metodologias rebuscadas e técnicas aprimoradas; se dá na vivência, no cotidiano. Isto é um fato, porém, observo nessa minha vivência, e em outras “casas de santo”, que cada Ialorixá (mãe de santo) acaba por desenvolver a sua própria metodologia para ensinar os filhos de santo.

Essas observações acabaram fustigando o meu interesse pela temática. Além disso, o desejo de pesquisar surgiu quando, pela primeira vez, ao adentrar o espaço do terreiro de Candomblé Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, observei os ensinamentos da Ialorixá para com seus filhos de santo. Minha entrada na casa, no primeiro momento, se deu apenas como visitante, mas senti algo estranho a partir daquele instante. Senti que eu deveria ficar ali e que aquele espaço sagrado era meu segundo lar.

Depois de muitos dias voltei no terreiro para conversar com a Ialorixá (Mãe de santo) e com alguns filhos de santo da casa. Com o passar dos dias resolvi jogar os búzios para saber sobre minha vida espiritual. Quando joguei, ela me disse a seguinte frase: “Você nasceu para a encantaria e a encantaria nasceu para você”. Desde então, dei minha entrada na casa não como mais um visitante, mas como filho de santo. Logo depois desse processo de entrada na casa de santo como filho, foi feita a primeira obrigação de limpeza, e desde então venho passando pelos processos de aprendizagem que toda casa possui, ou seja, uma filosofia africana pautada na oralidade.

A minha vivência no terreiro como filho de santo, me provoca a pesquisá-lo, pois apesar de ser professor em formação, preciso entender outros campos educacionais, e o terreiro é esse campo amplo de aprendizagens. Nesse sentido, enquanto pesquisador/pesquisado este trabalho visa observar, vivenciar, compreender e analisar como o filho de santo é formado; quais os processos pelos quais passa o longo dessa formação; como a dimensão espiritual e humana vão caminhando ao longo desse processo, quais metodologias são adotadas no Terreiro e como esse espaço formativo vai se modulando ao longo da sua existência. A pesquisa é de suma importância para entendermos que, apesar da escola ser um ambiente muito importante para nossa vida, outros ambientes também, como o próprio terreiro, contribuem sobremaneira para uma boa educação e devem ser compreendidos como espaços educativos.

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa de caráter exploratório no Terreiro Ilê axé de Oxóssi e Oxum. Foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo para o desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa bibliográfica foi baseada em publicações científicas sobre o estudo nos terreiros de Candomblé para fundamentar o trabalho por meio de pesquisa de campo e da construção de um trabalho etnográfico, especialmente no terceiro capítulo, foi possível fazer observações, registros fotográficos e escritos e aplicação de questionários para apresentar uma melhor compreensão sobre a formação do filho de santo e o processo educativo no terreiro de Candomblé Ilê axé de Oxóssi e Oxum.

A pesquisa etnográfica constitui-se em um exercício do olhar, da escuta, da observação etc. Quanto mais tempo passamos mergulhados em determinado campo, mais temos condições de apreender sobre o universo pesquisado. Há uma espécie de deslocamento da nossa cultura, das nossas “verdades” para a compreensão de outros fenômenos que só serão possíveis na convivência com outras sociabilidades.

Sendo assim, este trabalho de conclusão de curso estrutura-se em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo **O caminhar de uma religião afro-brasileira**, busca-se compreender a chegada dos negros escravizados no Brasil até a sua disseminação em todo o país, o surgimento das primeiras casas de Candomblé até o nascimento de outras religiões afro-brasileiras.

No segundo capítulo intitulado **Terreiro de Candomblé sem folha não tem Orixá**, procura-se abordar os fundamentos filosóficos, pedagógicos e religiosos que demarcam o Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum procurando compreender: como pensam o mundo? Quais relações desenvolvem para viver neste mundo? Quem são seus deuses? Quais valores pregam? Como esse conhecimento está sistematizado? Como se dá o processo de aprendizagem? Quais



metodologias utilizam? Como avaliam? O que significa estar em perfeita sintonia com seu Orixá e, conseqüentemente, com a natureza.

No terceiro e, último capítulo, intitulado **O processo de formação de um filho de santo** busca-se compreender a complexidade que envolve a formação de um filho de santo desde a chegada no terreiro de Candomblé até a sua iniciação no santo.

## 2 CAMINHOS PERCORRIDOS

Como bem nos assegura Martins (2004), pode-se dizer que pesquisa é um procedimento para investigar fenômenos, aplicação do conhecimento e que, conseqüentemente, leva a várias reflexões. É uma busca de conhecimento árdua, lenta que precisa de tempo para que se possa entender os conceitos e relações que emergem do contexto estudado. “Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. (GIL *et al.*, 2002, p. 14).

Raupp e Beuren (2006), colocam que pesquisa exploratória busca conhecer como profundidade um assunto pouco estudado pela ciência, já a descritiva preocupa-se em descrever, identificar e fazer relatos de determinados grupos ou ambiente. Neste contexto, fica claro que um faz sua busca aprofundada por conteúdo relevante dentro do tema e a outra procura aplicar questionários e entrevistas para descrever suas descobertas.

Devido ao uso de questionários com predominância em perguntas abertas para coleta de dados, essa pesquisa teve como abordagem qualitativa o tratamento dos dados. Como bem nos asseguram Teis e Teis (2006), pode-se dizer que as raízes teóricas deste método de pesquisa encontram-se na fenomenologia. Neste contexto, fica claro que essa tendência contemporânea de pensamento está associada ao uso e desenvolvimento de metodologias que permitem aos pesquisadores descrever a visão de mundo de seus sujeitos.

Pode-se dizer que a pesquisa de campo é um processo de investigação em meio social. Neste contexto, para Teis e Teis (2006) fica claro que a pesquisa de campo tem como objetivo buscar informações diretamente com a população pesquisada. Nesse caso, os pesquisadores precisam ir ao espaço onde o fenômeno ocorre para coletar informações, observar, escutar etc.

Essa pesquisa teve como procedimento a coleta de dados em duas etapas dinâmicas que corresponderam às necessidades previstas: Durante a primeira etapa, a principal técnica utilizada foi observação na qual foram realizadas observações sistemáticas com registro em diário de campo. Observei nesta etapa tanto a formação do filho de santo no terreiro como a forma em que é transmitido o conhecimento dentro desse espaço. Na segunda etapa consta a operacionalização da segunda técnica que foi utilizada a partir de entrevista, questionário, câmera fotográfica para o registro do trabalho.

Visto que a pesquisa assume um caráter colaborativo entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, julgou-se necessário solicitar ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão – Campos Codó autorização para realização do estudo, a formação do

filho (a) de santo e os processos educativos no terreiro ilê axé de Oxóssi e Oxum na cidade de Codó MA. É importante ressaltar que os sujeitos foram informados sobre os objetivos de cada etapa da pesquisa, e que foi solicitada autorização para divulgação dos dados através de assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, assegurando-lhes, através deste documento, sigilo profissional.

Como instrumento para coleta de dados utilizou-se o questionário, a fim de se obter uma melhor apreciação do conteúdo apresentado no trabalho. Os dados foram coletados através de questionário padronizado para proceder à tabulação dos dados. Após a coleta de dados foi feita análise das informações obtidas. Estas informações receberam tratamento científico, as quais foram sintetizadas, tabuladas e dispostas em forma de texto. Os(as) informantes da pesquisa receberam o termo de consentimento como garantia de anonimato. O consentimento e a autorização esclarecidos foram obtidos com o termo acompanhados da devida explicação dos objetivos do estudo e finalidades dos resultados. Vale ressaltar que durante o processo de transcrição das entrevistas, fez-se uma adequação da linguagem para facilitar a leitura, sem comprometer a veracidade da fala dos entrevistados. Para manter o sigilo da identidade dos participantes, os filhos de santo foram identificados pela sigla “P”.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 103):

Os dados que devem ser extraídos da realidade, pelo trabalho do próprio pesquisador, são chamados de dados primários. Recebem essa designação por se tratarem de informações em ‘primeira-mão’, ou seja, por não se encontrarem registrados em nenhum outro documento.

Para realizar este estudo, utilizamos fontes primárias, pois dispúnhamos de dados que ainda não haviam sido estudados, e fontes secundárias, que foram a pesquisa e coleta de informações bibliográficas com base no tema do estudo.

A pesquisa teve como base o Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum com foco nas lalorixás e onze filhos de santo da casa.

Para finalizar este trabalho, foram obtidas informações de forma significativa, por meio de entrevistas e um questionário de 10 perguntas sobre o tema do estudo, aplicado tanto aos cuidados das mães de santo do terreiro quanto aos filhos da casa Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.

Para tanto, elaborou-se um roteiro de entrevista, as quais foram organizadas para atingir o objetivo da pesquisa, levando em consideração aspectos gramaticais e sintáticos, tendo em vista a clareza de compreensão das questões. de forma geral, o objetivo das perguntas era observar, compreender e analisar como o filho de santo é formado; quais os processos pelos quais passa o longo dessa formação; como a dimensão espiritual e humana vão caminhando ao

longo desse processo, quais metodologias são adotadas no Terreiro e como esse espaço formativo vai se modulando ao longo da sua existência.

Os resultados tabulados podem ser encontrados ao longo deste trabalho, uma vez que a pesquisa em ambientes sagrados é muito diferente dos outros espaços. Há a pesquisa de campo, há aplicação de questionários, há uma etnografia que começa a ser feita antes mesmo que o pesquisador/pesquisado perceba, pois são relações diferenciadas que se estabelecem. A pesquisa em espaço sagrado precisa de tempo. Tempo para pesquisar, tempo para entender, tempo para ser aceito. Em se tratando de pesquisador/pesquisado esta tem nuances diferenciadas, pois ao mesmo tempo que você observa o outro, você passa a se auto-observar. É um duplo movimento. Este trabalho pretendeu, também apontar essa singularidade na pesquisa. Tudo está em observação e análise. Na maioria das vezes a primeira análise é superficial. À medida que se vai entendendo a doutrina, seus procedimentos, a sua ligação com o astral, com a natureza, ou seja, com você mesma, o conhecimento começa a se espiralar, assim como a sua própria energia. Não há como ficar indiferente. Neste caso, em específico, não há distância possível, pois objeto e sujeito estão imbricados. O que é possível fazer é registrar as passagens com maior acuidade possível para prosseguir as análises devidas e levar o(a) leitor(a) à compreensão de processos de aprendizagens que só são possíveis nos limites estabelecidos e no imbricar da relação pesquisador/pesquisado.

## **2.1 O caminhar de uma religião Afro-Brasileira**

O candomblé é uma religião que surgiu no Brasil após a chegada dos Africanos, no Brasil Colônia, que trouxeram consigo uma cultura religiosa pautada na oralidade e na filosofia africana. Segundo Domingues (2007) O termo candomblé, denominado primariamente kandombile, é de origem banto e significa culto, louvor, reza, oração ou invocação.

A história do Candomblé se inicia no Brasil com a chegada dos africanos que vieram para o país escravizados. Eles se uniram para continuar praticando a sua religião em terras brasileiras e, por volta do século XVIII, o Candomblé foi definido como prática religiosa. (DIAS, 2018).

O autor Silva (2005) aborda de forma clara que o Candomblé se reinventou para que os senhores e os grandes líderes religiosos da época não enterrassem sua cultura religiosa.

O desenvolvimento do Candomblé, por exemplo, foi marcado entre outros fatores, pela necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob condições adversas da escravidão e posteriormente do desemprego social, tendo como referência as matrizes religiosas de origem africana. Daí a organização social e religiosa dos terreiros em certa medida enfatizaram a reinvenção da África no Brasil. (SILVA, 2005, p. 15).

Conforme explicado acima, para os negros não desagradar a Igreja Católica e a fim de proteger seu culto, sua religião, sentiram a necessidade de incorporar os Orixás aos santos Católicos.

Um estudo feito por Freitas *et al.* (2013) revela que, quando os negros chegaram ao Brasil, sentiram a rejeição dos senhores e da Igreja com relação a sua religião. Como os escravizados não abriam mão das suas ricas divindades e do seu culto, resolveram buscar na Igreja Católica santos correspondentes aos seus orixás.

É evidente que os(as) negros(as) sempre foram inteligentes, mas eram subestimados pelos senhores e os líderes da igreja na época.

Isto ficou conhecido como sincretismo religioso e os santos da Igreja Católica passaram a ser incorporados e usados nas cerimônias; desta forma os negros não desagradavam a Igreja – detentora de força político-social – nem deixavam de reverenciar suas divindades. (FREITAS *et al.*, 2013, p. 5).

Um estudo feito por Dias (2018) aborda que na época da escravidão, não era permitido que os africanos praticassem a sua religião e eles eram obrigados a seguir o cristianismo. A mistura de religião africana com o catolicismo, na verdade, foi para manter o culto aos seus Deuses africanos, como explica Prandi (2004) em que mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas através dos Orixás<sup>2</sup>, Voduns<sup>3</sup> e Inquices<sup>4</sup>, se diziam católicos e se comportavam como tais.

Hoje o culto afro-brasileiro não precisa se esconder atrás do catolicismo, pois apesar de ainda existirem pessoas que demonizam a religião africana, ela é um culto livre.

Voltar à África não para ser africano, nem para ser negro, mas para recuperar um patrimônio cuja presença no Brasil é agora motivo de orgulho, sabedoria e reconhecimento público, e assim ser o detentor de uma cultura que já é, ao mesmo tempo, negra e brasileira, porque o Brasil já se reconhece no orixá, o Brasil com axé. (PRANDI, 2004, p. 2).

---

<sup>2</sup> **Orixás:** é um ser divino, na qual é representado pelos elementos da natureza (água, terra, ar e fogo) é um ser da religião Iorubá,

<sup>3</sup> **Voduns:** cultuados na casa das minas, são forças da natureza, seres divinizados, estão divididos nas famílias de Davice, Dambirá, Savaluno e Quiviosô.

<sup>4</sup> **Inquices:** são Divindades que são associados aos Orixás de Angola ou do Congo, são representantes de energias fundamentais da Natureza.

Logo após a chegada dos negros no Brasil, a cultura africana, especificamente o Candomblé, fincou raízes em Salvador- BA. Segundo Gomes (2017), de acordo com os relatos orais contados pelos mais velhos, algumas princesas vindas do Oyó e Ketu, na condição de escravas, fundaram um terreiro num engenho de canas.

O primeiro terreiro de candomblé da Bahia se chamou Ilê Iyá Nassô Oká, conhecido como a Casa branca do Engenho Velho. Um estudo feito por Castillo e Parés (2017) menciona que a memória oral e os estudos afro-brasileiros têm reiterado de forma insistente a ideia de que esse candomblé da Barroquinha seria o primeiro e mais antigo terreiro do Brasil.

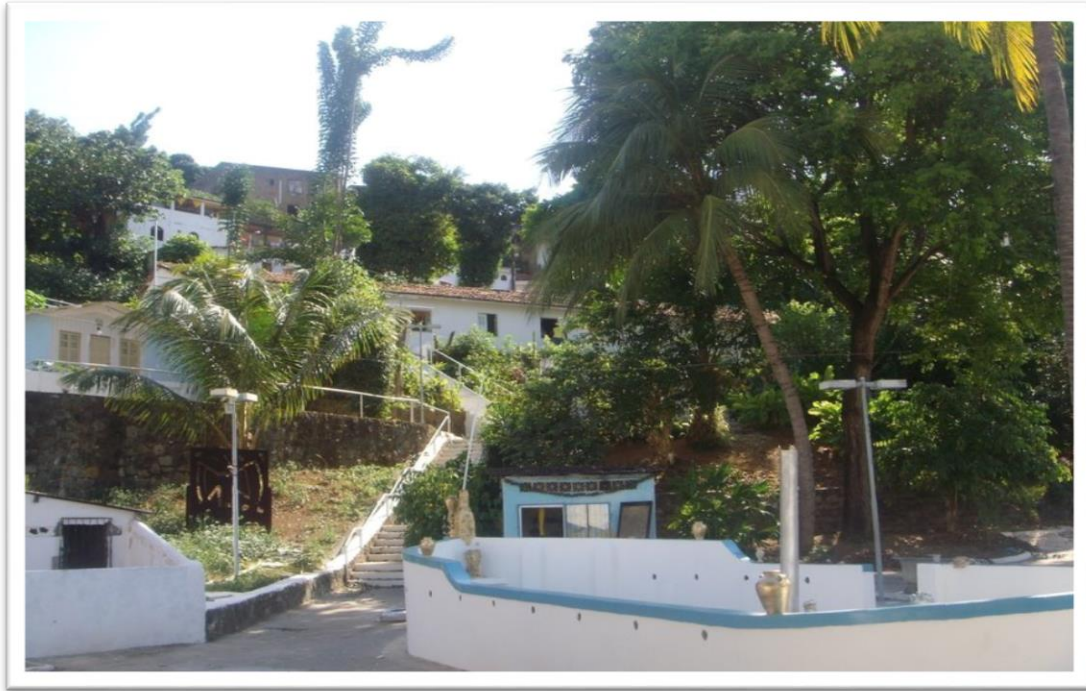
Conforme verificado por Risério *et al.* (2016), trata-se inegavelmente que o terreiro, localizado, quando foi fundado, atrás da barroquinha, sofreu várias modificações e, após passar pelo Calabar no baixo de São Lázaro, instalou-se com o nome de Ilê Iyá Nassô, na alameda Vasco da Gama, onde ainda existe até hoje, e é conhecida coloquialmente como Casa do Engenho Velho.

Imagem 1 - Ilê Iyá Nassô Oká



Fonte: Portal Geledés (2008).

Imagem 2 - Ilê Iyá Nassô Oká hoje



Fonte: Portal Geledés (2009).

A imagem 01 apresenta um exemplo de como era a primeira casa de Candomblé, fundada na Bahia, pela Ialorixá Iyá Nassô, e a imagem 02, mostra a casa nos dias atuais.

Essas são imagens da Casa Branca do Engenho Velho, Ilê Iyá Nassô Oká, onde segundo autores citados acima, foi o primeiro terreiro de Candomblé da Bahia. Deste surgiram, por sua vez, vários outros terreiros como o Iyá Omi Axé Iyamassê, no Alto do Gantois, e o Ilê Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro.

Os antigos Terreiros são os mais conhecidos e prestigiados no país, como a Casa Branca do Engenho Velho, o Candomblé do Alaketo, o Axé Opô Afonjá e o Gantois. É possível notar a grande influência que o Candomblé Queto tem exercido sobre outras 'nações', que incorporam muitas de suas práticas rituais. (EVARISTO, 2012, p. 12).

Ferretti (2010) diz que alguns consideram que, em Cachoeira, haveria Candomblés mais antigos. Segundo ela, o terreiro do Pinho, em Maragogipe, de nação Jeje, dedicado a Jogorobossu, seria o mais antigo do Brasil e teria sido fundado na época das invasões holandesas!

De acordo com Castillo e Parés (2017, p. 2):

Uma das narrativas mais conhecidas associadas à fundação deste templo diz respeito a uma viagem à África, realizada pela principal ialorixá e fundadora da casa, Iyá Nassô, junto com sua filha-de-santo e sucessora, Marcelina da Silva (Obatossi), ambas sacerdotisas de Xangô. Segundo testemunhos orais coletados por Pierre Verger, elas voltaram para a África acompanhadas pela filha biológica de Marcelina, Maria Magdalena da Silva, passando sete anos na cidade de Ketu. Retornaram depois para a

Bahia, trazendo várias outras pessoas: dois filhos que Magdalena tivera na África e o babalaô Bamboxê Obitikó. Bamboxê se tornaria uma figura importante no candomblé da Bahia, sendo até hoje saudado como Essa Obitikó, no ritual do padê, junto com outros ancestrais ilustres. Verger não especifica as datas dessas viagens, mas sugere que a fundação do terreiro teria acontecido após o regresso da África.

Foi de suma importância essa construção histórica e religiosa, pois foi dessa construção que o Candomblé se disseminou no Brasil inteiro, fazendo com que muitos terreiros de Candomblé surgissem. Para Freitas *et al.* (2013, p. 6):

Quando chegou ao Brasil, o Candomblé ficou mais restrito à Bahia e Pernambuco. Sabemos que o estado da Bahia é um maravilhoso caldeirão de sincretismo religioso e a maior referência do Candomblé no Brasil. Mas esta religião dos orixás ganhou mais espaço e saiu para outros estados e cidades.

Conforme citado, acima, a Bahia é o onde se concentra mais terreiros de Candomblé no Brasil, contudo, a sua disseminação para outros estados e cidades foi de muita importância para que a religião de matriz afro-brasileira ganhasse mais força, pois o candomblé no seu processo histórico sofreu muito preconceito e perseguições.

Durante a diáspora dos escravos para o Brasil, dois estados tiveram grande quantidade de negros, Bahia e Pernambuco, pois ali se concentrava grandes plantios de Canas, já no Maranhão muitos escravizados vieram, principalmente, através da companhia do comércio Maranhão – grão – Pará, como explica Pereira (2019), assim, à medida que o cultivo do algodão se expandia, ondas de escravos vinham da Costa do Marfim.

Segundo Silva (2005), pesquisas históricas recentes mostram que no final do século XVIII, uma rainha do Daomé, Nã Angontimé, mulher do rei Angonglo, que foi vendida como escrava, teria vindo parar em São Luís do Maranhão e fundado a Casa das Minas.

A princípio, com essa eventualidade, podemos entender que a cultura afro-brasileira chega no Maranhão com o tráfico de negros vindo da África, difundindo aqui sua cultura, e trazida juntamente com os negros escravizados a rainha do Daomé, como cita o autor acima.

Levando em consideração esses aspectos, a partir do século XIX, surge então a religião trazida pelos negros denominados Mina Jeje, nagô, expandindo para outras cidades do estado do Maranhão. Um estudo de Saraiva (2017), aborda que no Tambor de Mina, religião de matriz africana no Brasil, destaca-se a Casa das Minas, cultuando especialmente os Voduns de origem Jeje, e a Casa de Nagô, onde homenageava os Orixás, Voduns, Caboclos<sup>5</sup> e encantados<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> **Caboclos** é o nome que se refere aos indígenas, vaqueiros, boiadeiros, ciganos que se encantaram nas matas e que hoje trabalham curando a quem precisa.

<sup>6</sup> **Encantados**: São seres também divinos, diferente dos Orixás e Voduns, são espíritos quem vem como farrista (brincar/ trabalhar), e eles só podem incorporar com a permissão do Orixá do Ori (cabeça) da pessoa. Podem ser, também, ciganos, boiadeiros, índios guerreiros etc.



Tambor-de-Mina, ou simplesmente mina, é uma denominação da religião afro-brasileira surgida no Século XIX, na capital maranhense, onde continua sendo hegemônica. Além de muito difundida no Pará, é encontrada em outros Estados do Norte e do Nordeste e em grandes cidades brasileiras. (FERRETTI, 2006, p. 2).

Conforme Ferretti (2008) o Tambor de mina é uma manifestação religiosa afro-brasileira típica do Maranhão. Surgiu em São Luís antes da abolição da escravatura (ocorrida em 1888), mas há muito deixou a capital e foi levado para cidades do litoral e do interior do estado, onde passou a fazer parte das tradições religiosas locais.

A mesma autora, em outro trabalho, Ferretti (2006) afirma que não se pode falar em religião afro-brasileira no Maranhão sem citar o Tambor de Mina<sup>7</sup> e os dois terreiros mais antigos dessa denominação religiosa: a Casa das Minas - Jeje, dedicada ao Vodum Zomadônu, e a Casa de Nagô, dedicada ao Orixá Xangô - inaugurada em meados do século XIX por africanos.

Ainda segundo Ferretti (2008), essa religião afro-brasileira saiu da capital e foi levada para as cidades litorâneas e do interior do estado, onde se integrou a tradições religiosas locais, como exemplo o Terecô<sup>8</sup> (tradição afro-brasileira desenvolvida em Codó, no interior do estado).

Imagem 3 - Casa das Mina Jeje e Nagô



Fonte: Afro e África (2010).

<sup>7</sup> Tambor de mina - Tambor de mina é uma religião afro-brasileira muito praticada no estado do Maranhão, Piauí, Pará e Amazônia, a característica dessa religião é o transe.

<sup>8</sup> Terecô- é uma religião predominante da Cidade de Codó MA, onde há incorporação de encantados.

Percebemos que além do primeiro terreiro de nação Jeje, na Casa das Minas, surgira outros terreiros importantes como Ilê Axé Iemowá (Casa de Iemanjá) e a casa Fanti Ashanti.

De acordo com Pereira (2019), Jorge de Itacy, Jorge Babalaô ou Jorge da Fé em Deus, como era mais conhecido, foi o fundador e pai de Santo/Zelador do Terreiro de Iemanjá, fundado na década de 1950, e que funciona, até hoje, no bairro da Liberdade, em São Luís, formado por uma população predominantemente negra.

Iniciado no Terreiro do Egito por Mãe Pia seguiu para fundar sua própria casa no bairro do Calhau, orientados por antigas mineiras da Casa de Cota do Barão e do terreiro de Vó Severa que lhe deram ajuda até a transferência para a Fé em Deus. Depois de alguns anos de orientação de Mãe Dudu da Casa de Nagô, teve contato com Mãe Amélia, da Casa das Minas, que lhe orientou e confirmou no culto aos voduns. Tornou-se um dos maiores guardiões das tradições afro-maranhenses, incentivando a difusão do tambor de mina em todo o país, com filhos iniciados em vários estados e muitas Casas fundadas a partir da sua. (SOBRINHO, 2012).

Imagem 4 - Ilê Axé Iemowá (Casa de Iemanjá)



Fonte: Martins (2018).

Diante desses dados percebemos que Jorge de Itacy precisou passar por um processo de formação e aprendizado para que um dia se fosse do seu destino, fundar sua própria casa de Axé.

Em relação ao Candomblé no Maranhão, segundo Ferretti, (1997) explica que o mesmo só penetrou de forma mais visível no Maranhão, depois dos anos setenta, especialmente, na Casa Fanti-Ashanti, comandada pelo Euclides Menezes Ferreira, o Pai **Euclides Talabyan**, sobre a qual trata especificamente em *Tambor de Mina, Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti* (1991) e *Desceu na Guma* (1993).

Imagem 5 - Casa Fanti Ashanti em São Luís MA



Fonte: Vasconcelos (2009).

As imagens 3, 4 e 5 nos mostram como eram as casas de Mina em São Luís no Maranhão, e nelas encontramos os traços do Candomblé, também introduzidos pelos próprios Sacerdotes que foram iniciados. Esse processo histórico discorre da chegada dos africanos escravizados no Brasil, com sua rica cultura disseminada em todo o país e das variadas vertentes de religião de matriz africana.

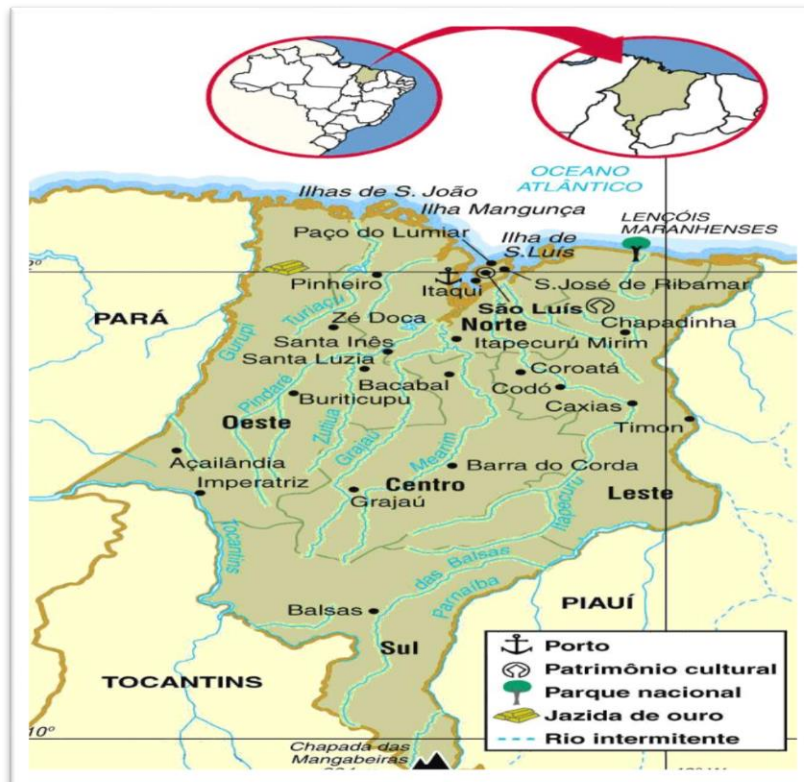
No Maranhão, com o surgimento do Tambor de Mina Jeje e Nagô, várias outras denominações religiosas já tinham tomado forma, e nesse processo de expansão o Terecô da Mata Codoense começa a se destacar.

Segundo Ferretti (2008), os centros mais importantes de religião afro-brasileira são localizados geralmente em capitais, mas fora delas são encontradas também algumas formas

tradicionais de religião afro-brasileira, como é o caso do Terecô de Codó, no interior do Maranhão.

Codó está localizado na mesorregião leste maranhense, distante 290 km da capital, São Luís. Segundo o IBGE, no último censo que foi feito, a cidade contava com 118.038 habitantes, com previsão de chegar em 2021 com uma população estimada em 123.368 habitantes, distribuído numa área de 4.361,606 km. (BRASIL, 2021).

Imagem 6 - Mapa geográfico de Codó – MA



Fonte: Estado do Maranhão... (2009).

Codó é uma cidade com grande concentração de Negros, cerca de 85, 74%. Na cidade se edificou uma religião afro-brasileira que é denominada Terecô, ou Terecô da Mata Codoense.

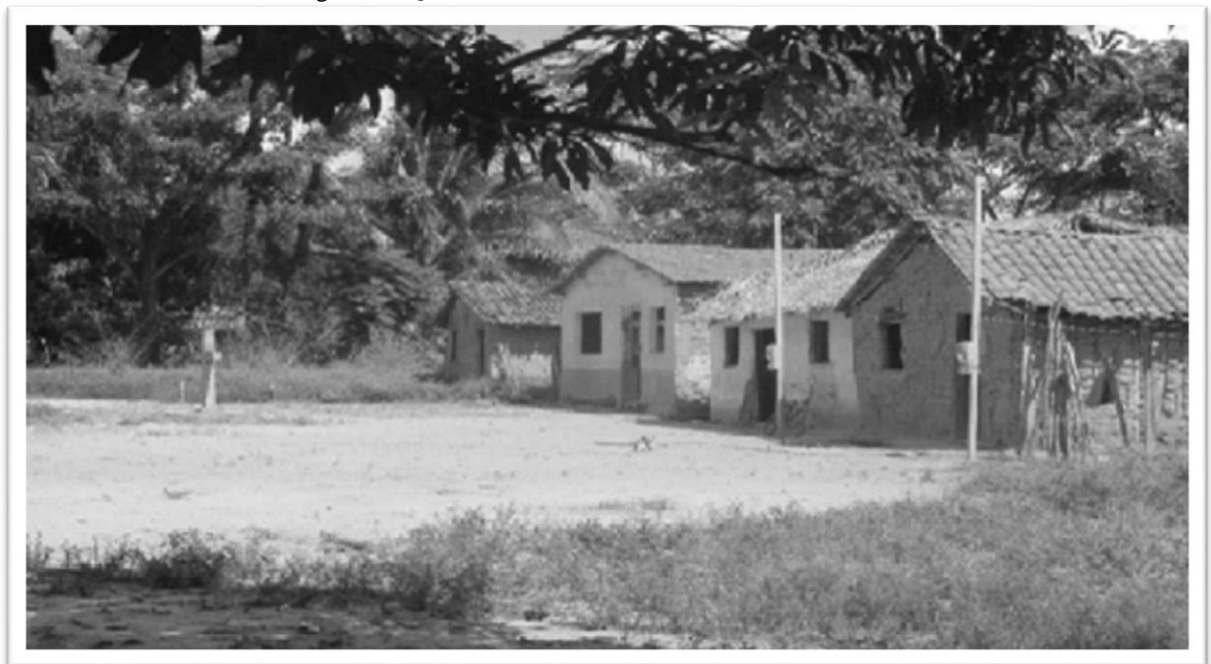
Denomina-se Terecô a religião afro-brasileira tradicional do município de Codó (MA), bastante difundida na capital, no interior do Maranhão e também encontrada em terreiros de estados vizinhos. Embora sua liderança seja menos empenhada na afirmação de sua identidade ou origem africana e atualmente ele seja muitas vezes confundido com a umbanda ou com a mina, o Terecô possui traços que apontam para uma origem africana diferente das que predominaram na mina, que merecem ser examinados por especialistas. (FERRETTI, 2008, p. 4).

O Terecô é conhecido, ainda, como Tambor da Mata, Encantaria de Barba Soeira, Brinquedo de Santa Bárbara ou Verequete. Ahlert (2013) considera que a origem do Terecô está localizada no interior do município ou nas matas que circundam a cidade. Na mata se encontravam tanto os terecozeiros que residiam no perímetro urbano (como seu João Tavares), quanto os que moravam mais distante (como seu Raimundinho quando era criança), quando se utilizavam tabocas ou tambores.

O primeiro estudo sobre o Terecô foi realizado por Costa Eduardo (1948) em Santo Antônio dos Pretos, Quilombo localizado a 60 km da zona Urbana de Codó, onde podemos presenciar a prática do terecô até hoje. Ferretti (2001) destaca que o terecô se originou das práticas religiosas de escravizados das antigas fazendas de algodão da região de Codó.

Oliveira *et al.* (2018) coloca que o povoado de Santo Antônio dos Pretos, por ser um quilombo remanescente, recebeu na sua formação religiosa elementos da cultura africana, porém, seus rituais religiosos têm traços particulares que se desenvolveram no município de Codó, mais precisamente em áreas rurais que serviram de refúgio a escravos.

Imagem 7 - Quilombo Santo Antônio dos Pretos - Codó MA



Fonte: (Barroso 2020).

Mesmo após a abolição da escravatura, especificamente em Codó, a perseguição sobre a cultura afro-religiosa foi muito grande, a ponto dos terecozeiros manifestarem suas crenças nas matas.

O mesmo autor acima nos pontua que:

Pelo fato de os negros serem perseguidos pelas autoridades locais por conta de suas práticas religiosas, foi na zona rural, nos campos ou fazendas de algodão que foi possível o surgimento das manifestações religiosas de herança africana, o que possibilitou o aparecimento do Terecô em Codó. (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 4).

Vê-se que, apesar dos negros serem “livres” no cotidiano de suas vidas, no pós-abolição, eram proibidos de praticarem sua religião em público, obrigando-os a migrarem para as matas da cidade.

Imagem 8 - Terecô de Codó-MA



Fonte: Arquivo pessoal de Regina Lopes (2021).

Assim como no Candomblé se cultua Orixás, e na Mina, Voduns, no Terecô se cultua encantados, encantados esses que segundo Ahlert (2014) são entidades que tiveram uma vida terrena enquanto pessoas e que desapareceram, passando a viver na Encantaria.

No terecô existem uma grande variedade de encantados, mais que de alguma forma uma família inteira fez sua morada em Codó, como a família de seu Légua Boji Buá da Trindade, segundo os estudos de Ahler e Lima (2019), uma das famílias mais importantes desse grupo é a dele. Ela é formada pelos pais desse encantado, sua esposa, irmãos e sobrinhos, além de uma grande quantidade de filhos e netos. Ahlert e Lima (2019), em artigo intitulado “A família de Légua está toda na eira”, frase que nomeia esse texto, coloca que esse é um dos pontos cantados nas festas de terecô, nas tendas da cidade, para convocar a presença dos Léguas.

Segundo a autora, a partir da década de 1980, surgem na cidade os primeiros centros de Candomblé. Araújo (2008) também afirma, que já por volta da década de 1980, verifica-se os primeiros indícios de candomblé em Codó com a vinda à cidade de dois pais-de-santo, iniciados no Candomblé na Bahia, mas residentes em São Paulo, seu Júlio de Ogum e Eduardo de Oxalá. Hoje ambos se encontram falecidos. Ambos foram os primeiros Babalorixás a trazerem o Candomblé à cidade de Codó. Iniciaram muitos filhos de Santos, mas somente duas seguiram em frente com sua religião.

Seu Eduardo e Júlio tinham sido feitos na Bahia e de lá, após serem feitos no “santo” foram para São Paulo, por algum motivo retornaram para Codó abrindo sua nova casa de Candomblé

Eduardo tinha barracão aqui, ele era do Terecô. Só que o Júlio era bem novinho e ainda não dançava. Ajudava seu Eduardo e tudo, mas não dançava. Aí, quando houve esse problema aqui [...] eles saíram. Quando chegou lá, a Mãe de Santo disse que eles tinham que ir [...] tinha que acontecer isso pra eles poderem ir pra lá. Parece que era Ivaldete o nome dela, da Mãe de Santo dele. Eu sei que ele foi preparado lá por ela, tanto ele quanto Seu Eduardo. Seu Eduardo era de Oxalá com Oxumarê e ele, de Ogum com Iansã. Aí, eles estiveram lá na Bahia. Depois foram embora pra São Paulo. Só em São Paulo ele morou trinta anos, e com casa de santo, porque chegou lá, eles sentaram uma casa de santo. E aí, com trinta anos, eles quiseram retornar pra Codó. Isso foi mais ou menos em 71, por aí assim, que eles chegaram. E aí sentou esse barracão aí. Quando o Seu Eduardo morreu, Júlio desnordeou e vendeu o barracão, vendeu a casa, o caboco que comprou, filho de santo dele. Porque a “moça” do finado Eduardo dizia sempre que não era pra vender o barracão, que o barracão era dos encantados e se Seu Eduardo morresse, que era pra Júlio ficar com o barracão e a casa. Agora, se ele entendesse de vender a casa, vendesse a casa, mas o barracão não, que era dos encantados. Aí, Júlio disse: “Ah, Seu Eduardo já morreu, eu vou me embora pra onde mora minha irmã, em São Paulo, porque não sei o quê”. Quando a gente soube, ele já tinha vendido. Depois da feitura da gente e tudo, ele vendeu o barracão. (VIANA *apud* PEREIRA, 2018).

Foi um processo longo e delicado para que o Candomblé chegasse à cidade Codó. A primeira casa de Candomblé, comandada por Eduardo e Júlio, era situada na Rua Rio de Janeiro no bairro São Francisco e chamava-se Casa de Oxalá e Oxumarê.

Como a religião predominante em Codó é o terecô, a chegada do Candomblé não foi bem aceita, pois, os terecozeiros falavam que era uma religião do mal, simplesmente pelo fato do Candomblé fazer matança para determinado Orixá ou Ebó.

O mesmo autor Araújo (2008) afirma que mesmo não havendo uma candombleização do terecô da forma como houve uma umbandização, é possível encontrar o candomblé nos terreiros da cidade, como a difusão da mitologia dos orixás e o uso de quartinhas para os orixás nos Congás de alguns terreiros.

Mesmo com toda essa “rejeição”, o Babalorixá Júlio de Ogunjá iniciou muitos filhos de santos dentro e fora de Codó. De acordo com Araújo (2008) em sua entrevista feita

com um filho de santo do Babalorixá, este relatou que o seu pai-de-santo já havia iniciado quase 300 pessoas em Codó e outras cidades como Imperatriz, Zé Doca e interiores da cidade, como o Quilômetro 100.

Segundo Pereira (2019), antes do barco de Mãe Nilza de Odé e Ruth de Oxum, elas já haviam feito muitos filhos de santo. O barco em que elas foram feitas foi preparado só por ele. Era seu primeiro barco. Os outros foram preparados por ele e Seu Eduardo. Ele, como pai pequeno, o ajudava, mas já tinha muito domínio, pois realizava a maioria das funções.

E nesse processo de feitura de santo, duas de suas filhas, seguiram em frente com seu legado: uma é filha do Orixá Oxóssi, Mãe Nilza de Odé; e a outra, da Orixá Oxum, conhecida como Ruth de Oxum. Após o falecimento do Babalorixá Júlio Emanuel da Costa, apenas uma casa de Candomblé permaneceu aberta na cidade, na qual se chama Ilê Axé de Oxóssi e Oxum que se localiza na rua Desembargador Vasconcelos Torres, 1658, no bairro São Francisco.

Mãe Nilza de Odé, além de ser preparada no Candomblé, foi feita no Terecô e hoje como Ialorixá comanda o Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum. Também o terreiro é preparado na Mina Jeje.

Imagem 9 - Ialorixá Nilza de Odé e Ruth da Oxum



Fonte: Arquivo pessoal de Ruth da Omim (2020).

O terreiro de Candomblé Ilê Axé de Oxóssi e Oxum segundo Mãe Nilza, e alguns documentos mostrados por ela, teve início em 14 de fevereiro de 1989, na cidade de Codó, no



Estado do Maranhão, onde estabeleceu sua sede, uma associação Civil e Religiosa com Personalidade Jurídica de direito privado, de duração indefinida.

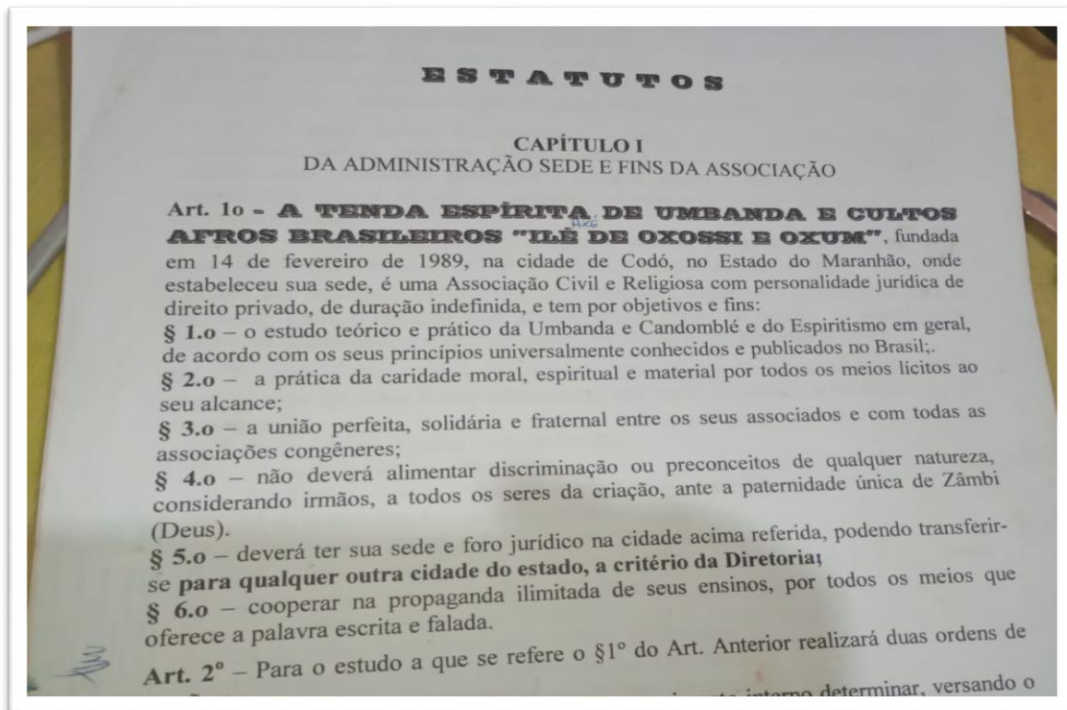
Vale salientar que antes do terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum ser um terreiro de grande porte, ele era apenas um quarto onde as zeladoras zelavam os Orixás e com o tempo foi-se construindo o barracão (casa) como bem está hoje.

Ahlert (2013) aponta que colocar barracão” é construir uma tenda, momento rememorado constantemente pelos pais e mães de santo de Codó que já o fizeram e projeção constante daqueles que ainda não possuem seu espaço ritual.

‘Colocar barracão’ opera em uma dupla referencialidade – por um lado acrescenta à identidade dos pais de santo, confere-lhes status e melhora suas vidas; por outro lado, estabelece limitações dentro das já difíceis condições financeiras e “pesam” sobre os pais e mães de santo porque ‘dá trabalho’. (AHLERT, 2013, p. 137).

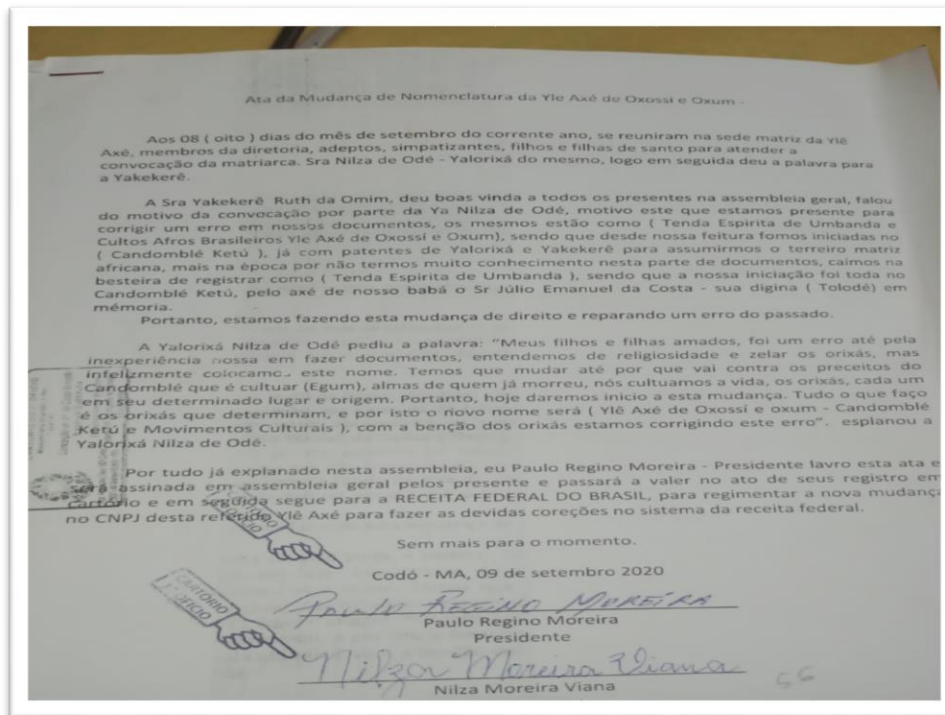
É importante salientar que antes do nome do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, o Terreiro de Mãe Nilza de Odé era chamado de Tenda de Espírita de Umbanda e Cultos Afros Brasileiros “Ilê de Oxóssi e Oxum”. O fato é que em 8 de setembro de 2020 teve uma reunião para a mudança do nome.

Imagem 10 - Estatuto com o primeiro Nome do Terreiro de Mãe Nilza



Fonte: O Autor (2022).

Imagem 11 - Ata de mudança de nome do Terreiro de Mãe Nilza



Fonte: O Autor (2022).

Os registros mostram quando foi fundado o terreiro e a mudança de nome, pois como afirmado acima o terreiro precisava mudar para Ilê Axé (Casa de Energia ou Casa de Benção), ou seja, a casa era de Candomblé.

De acordo com Mãe Ruth da Omi (2022)

[...] estamos aqui reunidos para corrigir um erro em nossos documentos, os mesmos estão como Tenda de Espirita de Umbanda e Cultos Afros Brasileiros "Ilê de Oxóssi e Oxum" sendo que desde nossa feitura fomos iniciadas no Candomblé Ketu, já com patentes de Ialorixá e Yakekerê para assumirmos o terreiro matriz africana, mais na época por não termos muito conhecimento nesta parte de documentos, caímos na besteira de registrar como Tenda de Espirita de Umbanda e por tanto, estamos fazendo esta mudança de direito e reparando um erro do passado (informação verbal).<sup>9</sup>

Sendo assim, houve todo um processo para a mudança do nome do terreiro, pois como as zeladoras em questão foram iniciadas no Candomblé era necessário reformular o nome do barracão (casa). De acordo com Mãe Nilza (2022)

[...] foi um erro até pela inexperiência nossa em fazer documentos, entendemos de religiosidade e zelar os orixás, mas infelizmente colocamos este nome. Temos que mudar até porque vai contra os preceitos do Candomblé que é cultuar Egum (almas) de quem já morreu, nos cultuamos a vida, os Orixás, cada um em seu determinado

<sup>9</sup> Informação fornecida por Mãe Ruth da Omi, Yakekerê do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codó, em gosto de 2022.

lugar e origem. Portanto hoje daremos início a esta mudança. E com a benção dos orixás o novo nome será Ilê Axé de Oxóssi e Oxum (informação verbal).<sup>10</sup>

O terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum desde 14 de fevereiro de 1989, na cidade de Codó, no Estado do Maranhão vem passando por diversos processos importantes como o calendário das festividades da casa que acontece três vezes ao ano.

Todo janeiro de cada ano acontece a obrigação do Orixá Oxóssi, pai da casa, já em setembro acontece a festa do encantando (Waldemar Librina) e no mês de dezembro tem a obrigação para todas as Yabás (Orixá Feminina).

Também vale salientar que todas as quintas-feiras de cada mês, acontecem as sessões de aprendizados/formação e durante o ano todo acontecem pequenas obrigações para os filhos de santo da casa. Contudo, de vez em quando, acontece obrigação de toque de pagamentos de promessas por um objetivo alcançado.

O terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, além de ser um espaço sagrado, é um local onde há muitas plantas medicinais que são usadas tanto para cura, quanto para os rituais da casa. Na frente e nas laterais do terreiro presencia-se os assentamentos dos Orixás na qual são respeitados e reverenciados, tanto pelas zeladoras quanto pelos filhos de santo do terreiro.

Imagem 12 - Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2022).

<sup>10</sup> Informação fornecida por Mãe Nilza de Odé, Ialorixá e comandante do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codó, em gosto de 2022.

Imagem 13 - Laterais do terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2022).

## 2.2 Terreiro de Candomblé sem folha não tem Orixá

Ao adentrarmos no espaço sagrado do Candomblé nos deparamos com costumes quem vêm sendo preservado há séculos, portanto destaco nesse capítulo o “Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum como um ambiente pedagógico e de formação dos seus filhos e filhas.

O Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, da nação Ketu, é um lugar onde nos deparamos com uma filosofia afro-brasileira pautada **na vivência, oralidade, relação muito próxima com a natureza, com o cuidado com os mais velhos, onde preserva-se os**

**ensinamentos dos ancestrais.** É um espaço educativo, que serve para a compreensão do nosso passado, bem como para o entendimento do nosso presente e projeção para o futuro. Tudo na casa tem um ensinamento.

De acordo com Vieira *et al.* (2018) a educação dos terreiros de candomblé segue um programa educacional que se desenvolve em direção à compreensão humana, que cria não a história das grandes sagas e heróis, mas as relações comunitárias vividas e vivenciadas por grupos de pessoas.

A educação nos terreiros transmitida pela oralidade, mostra o quanto a cultura vivenciada nesses espaços faz se necessário para a construção da identidade própria. Segundo Caputo (2007) a oralidade não é apenas a fala do povo do Santo, mas sim sua estrutura, sua constituição. Ou seja, os terreiros de candomblé respeitam e entendem que as histórias e experiências de cada um são importantes para a construção dessa identidade.

Partindo desse princípio, o terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum trabalha nos filhos de santo uma pedagogia pautada no princípio filosófico da oralidade, baseada na cultura iorubá, onde procura mostrar para os filhos que o respeito e a disciplina são muito importantes para edificação da casa. A palavra tem um sentido mágico. Ela carrega consigo àsè. Conduz energia e por onde passa deixa a sua força, por isso, não há registro, no passado, escrito. A palavra, assim, passa a ser portadora de verdade. Ela se constitui no próprio livro, no próprio documento. O conhecimento, desta forma, é transmitido de forma dosada, de forma que o(a) iniciado(a) aprenda os ensinamentos no tempo certo.

Assim, o aprendizado no terreiro se inicia na entrada, com a recepção da Ialorixá, Mãe Nilza de Odé, Yakekerê Ruth da Oxum ou alguém do terreiro designado por elas. Durante esta recepção é despejada água de uma pequena quartinha de barro no chão, perto da pessoa, para acalmar suas energias.

É assim que acontece no Ilê Axé. A partir do momento que adentramos no terreiro de matriz africana, especificamente o Candomblé, nos deparamos com uma filosofia de vida pautada na vivência e nos ensinamentos dos nossos ancestrais, onde se aprende o respeito para com o terreiro e o Orixá logo na entrada da roça (terreiro).

A travessia dos portões do barracão de Candomblé representa, para as pessoas desta tradição, uma transposição de fronteiras. O ato de passar sobre a cabeça uma cuia contendo água limpa para, em seguida, “despachá-la” na rua, permite que adentremos a um mundo que entendemos como sagrado, deixando aquilo que é mundano para o lado de fora. A partir deste primeiro ato introdutório, uma vez que muitos outros se seguirão, damos o primeiro passo em direção à visão de mundo praticada neste contexto deixando para fora a vestimenta eurocêntrica que determina que somos seres individuais, com nossas profissões, formações, posições sociais, poder aquisitivo,

relações e todas as inúmeras qualificações que nos determinam em nossa sociedade. (KIMURA; LUNARDI-MENDES, 2021, p. 7).

Em razão desse processo percebemos que o aprendizado já inicia logo na entrada do terreiro, e quando lá dentro, nossas vestimentas também mudam, percebemos que estamos em um ambiente sagrado, pois, logo somos orientados a vestir uma roupa branca que seja adequada para aquele ambiente.

O processo de aprendizado no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum começa no banho de descarrego, onde o filho precisa tomar banho de ervas e vestir roupa branca. Além disso, precisa-se tomar benção aos Orixás da casa, logo depois para as zeladoras de santo e, também, aos irmãos mais velhos e mais novos. Isso não quer dizer que toda casa é igual. Como explica Correia (2009), cada casa tem sua própria filosofia, e seu fundamento.

O processo de aprendizado é dividido em duas partes, o aprendizado individual e o coletivo. O aprendizado individual discorre de ensinamentos como louvar seu Orixá, saber as ervas do seu Orixá e rezar. Já o aprendizado coletivo, constitui-se no momento no qual a Ialorixá reúne todos(as) os(as) filhos(as) para poderem aprender a rezar, cantar, saber sobre a sua nação, tipos de velas, para que serve cada cor e como interpretar sua chama, fora outros processos que são segredos da religião.

Todas as quintas-feiras, a Ialorixá reúne os filhos de santo da casa para o momento do aprendizado coletivo. Não se pode chegar no terreiro com as impurezas do corpo e da rua. Ao chegar no terreiro é preciso tomar banho de ervas para a purificação do corpo, após esse processo todos partem para rezar, logo em seguida é feito um círculo com as cadeiras para iniciar o processo de ensino.

Imagem 14 - Sessão no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2022).

Ainda nesse processo da coletividade no terreiro Ilê Axé, os filhos de santo são divididos em grupos para cuidar dos afazeres do terreiro, isso porque antes de chegar o período da festa do Orixá da Casa (Oxóssi) todos já devem ter feito as suas atividades, obrigações para que nada saia errado. É outro grande aprendizado. A festa é do Orixá e todos(as) aqueles que estão ali têm a sua responsabilidade. Neste momento o aprendizado também ocorre, pois cada grupo fica responsável por algo: como limpar o salão, cuidar das plantas, cuidar da cozinha, fazer banho, cuidar da questão de documentação do terreiro, captar recurso para compra de material e comida etc.

Observando esses aspectos podemos perceber que a educação nos terreiros de Candomblé faz com que os filhos de santo a todo o momento aprendam algo da sua ancestralidade.

A pedagogia usada pela Ialorixá Nilza de Odé tem todo um processo gradual, onde ela inicia ensinando o filho a rezar, fazer um banho, a disciplina, atenção e a interpretação. Isso são fatores de suma importância no processo de evolução do filho de santo, como nas escolas se aprende a ler, escrever e interpretar, no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum não é diferente.

Imagem 15 - Momento de aprendizado em coletivo no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2022).

De acordo com Santana (2017), no terreiro de candomblé a educação está presente no cotidiano das pessoas. Dentro deste espaço os ensinamentos são passados através da observação, imitação, reflexão, etc. Aprende-se a respeitar os mais velhos, cuidar da natureza, seguir rotinas, reconhecer sua história e sua ancestralidade.

No processo de aprendizado no terreiro de candomblé Ketu Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, a língua africana, o “Yoruba”, é usada com frequência, mas devido à dificuldade da pronúncia ser muito grande, o estudo precisa ser redobrado, pois apesar do terreiro trabalhar através da oralidade, há necessidade de usar cadernos e meios digitais para fixar a pronúncia e o que ela significa.

Reafirmamos que entendemos os terreiros como redes educativas, como um lugar de múltiplas aprendizagens. Entre esses múltiplos saberes e significações aprendidos e ensinados, destacamos aqui o ioruba. Para a área da educação, mesmo isoladamente, acreditamos que este já é um aspecto, sem dúvida, de extrema importância. Aprender nessas e com essas experiências seria muito positivo. Mas há outros aspectos que passamos a imaginar ao longo desta pesquisa, e nossa proposta é justamente não considerar esses saberes isolados e confinados. (CAPUTO, 2015, p. 17).



É notório que o Candomblé tem todo um processo educacional que vai muito mais além do muro escolar, pois os elementos que o constitui estão entrelaçados com os contos, os orixás, a natureza, os animais, os seres humanos, vivos e mortos. Cada um deles traz um ensinamento, “uma moral da história”

Além desses elementos, no processo de aprendizagem no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, a prática de cozinhar é de suma importância para os filhos de santo, pois nesse processo coloca-se em prática o que a Ialorixá explicou com relação à feitura da comida de cada Orixá, o saber manusear os temperos, o fogo, o tempo, o canto, a concentração, e finalmente a preparação dos pratos sem erros ou quaisquer atropelos. E aqui é importante frisar que não se pode errar a forma. Obviamente que, na falta extrema de algum ingrediente, a Ialorixá saberá como “negociar” a sua substituição. Isto porque tudo o que envolve o Orixá precisa ser levado com muita seriedade, e a comida é uma dessas obrigações que são bem guardadas pela doutrina.

Pensar nesse processo de aprendizagem é interessante. Mãe Nilza sempre explica no Terreiro que o Vatapá, Acarajé, mingau de milho branco, feijoada e dentre outros pratos típicos são heranças trazidas pelos escravos, e hoje são servidas nos melhores restaurantes do Brasil. É interessante pensar nesse paradoxo!

Segundo Barbosa (2017), afirma que uma grande marca da cultura negra pode ser encontrada em nossas cozinhas e temperos, aromas e sabores no dia-a-dia de cada brasileiro.

Ainda de acordo com Barbosa (2017, p. 49)

O negro introduziu na cozinha o leite de coco-da-baía, o azeite de Dendê, confirmou a excelência da pimenta malagueta sobre do reino, deu ao Brasil o feijão-preto, o quiabo, ensinou a fazer vatapá, caruru, mungunzá, acarajé, angu e pamonha.

A culinária africana modificou os pratos dos senhores da época, introduzindo pratos típicos de sua origem fazendo com que nascesse “A cozinha Brasileira”.

Com esta rica troca de experiências, de conhecimento, de resistência e permanência desses novos ingredientes, de novos hábitos e costumes, resultou a nossa culinária muito diversificada em diferentes regiões brasileira. Afinal de contas, somos um país com grande extensão territorial que recebeu influência cultural de todos os povos que contribuíram para a sua formação. Em cada canto do nosso Brasil, vamos encontrar uma forma diferente de cozinhar determinado alimento, pois a culinária faz parte da cultura dos povos e como toda cultura ela mutável, ou seja, muda, se transforma e se adapta, pois é viva. (PAIVA, 2017, p. 31).

Imagem 16 - Processo da comida dos Orixás no Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2022).

Um outro aspecto interessante a destacar no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum é a relação estabelecida com as plantas. Ao ter acesso a entrada do Terreiro já é possível vê-las. São de várias origens e cada uma tem a sua importância e significado dentro do culto afro-religioso, como, por exemplo, o Alecrim (*Salvia rosmarinus*), serve tanto para banho de descarrego como para defumar os ambientes.

Tudo isso é aprendido no Terreiro. A relação que estabelecemos com a natureza é outro aprendizado. Aprendemos a entender a natureza, aprendemos a nos entender a partir da relação com ela estabelecida, aprendemos a cultuá-la, pois se existe uma coisa certa é a de que em “Terreiro de Candomblé sem folha não tem Orixá”

Conforme Santana (2017), a natureza é um elemento de suma importância para os praticantes da religião do Candomblé, pois é dela que se extraem as forças e as energias dos Orixás está ligada a ela. Desta forma, no terreiro, desde muito cedo os membros aprendem a importância de se cuidar e relacionar bem com a mesma.

Nas escolas do ensino fundamental, especificamente, no ensino de ciências, os estudos das plantas na parte teórica são muito importantes, mais pouco se observa os alunos realizando atividades práticas; já nos terreiros de matrizes afro-brasileiras, observa-se a teoria

e a prática quase que fundidas, ou seja, nesse ambiente aprende-se a plantar, cuidar e colher da maneira correta.

De acordo com Azevedo *et al.* (2015) no Candomblé, a religião é baseada em uma cosmovisão africana, onde as os deuses e a natureza são um só ser. Nesse sentido, preserva a ideia de que não se pode praticar a religião africana sem cuidar e valorizar a natureza.

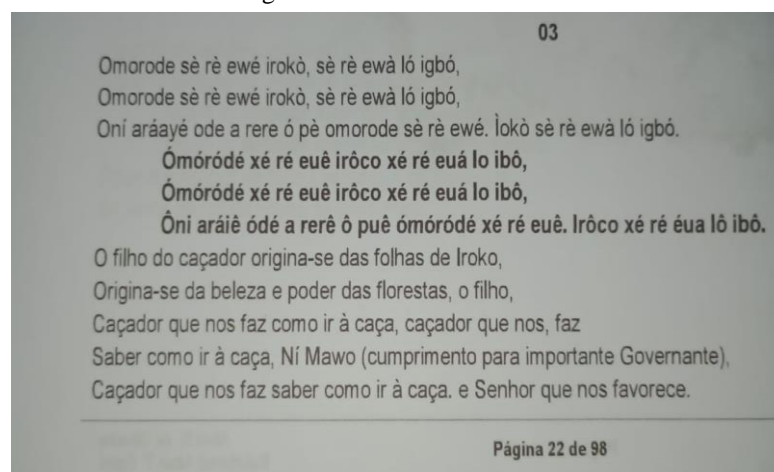
Segundo Godoi (2020), o espaço físico do terreiro também serve como possibilidade de desenvolvimento físico, por meio da brincadeira de explorar a vegetação nativa, e também estimula inconscientemente o entendimento sobre plantas, frutas, insetos e a importância da harmonia entre aqueles que o usufruem aquele espaço.

Um outro aprendizado que se dá no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum diz respeito ao canto e à dança. Este é um momento muito importante e único para os filhos de santo, pois é neste momento que eles aprendem a dança dos Orixás e aprendem a cantar em iorubá e em português.

O ioruba é uma língua única, estabelecida por um grupo de linguagens regionais concentrados no sudoeste da Nigéria e no antigo reino de Queto, atualmente na República do Benim, onde é intitulada como nagô denominação pela qual os iorubas ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. Já o ewe- fon é um conjunto de línguas (mina, ewe, gun, fon, mahi) muito parecidas e faladas em territórios de Gana, Togo e Benim. Entre elas, a língua fon, numericamente majoritária na região, é falada pelos chamados fons ou daomeanos, concentrados geograficamente no planalto central de Abomé, capital do antigo Reino do Daomé, no Benim atual. (CRUZ; TITO, 2016, p. 5).

O fato é que, dessa mistura linguística, o Iorubá permaneceu até hoje nos terreiros de Candomblé. Cruz e Tito (2016) fala em sua pesquisa que no Brasil, a língua iorubá sobrevive por meio de uma tradição de rezas, cantos, e saudações utilizadas no Candomblé. Um exemplo em iorubá está no Xirê cantado para um determinado Orixá, como mostra a imagem abaixo:

Imagem 17 - Xirê de Oxóssi



Fonte: O Autor (2022).

Conforme explicado acima sobre a língua Iorubá, destacamos o canto dos Orixás como ponto crucial para entendermos que o Iorubá também se aprende cantando no terreiro. No Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, a Ialorixá Mãe Nilza de Odé começa a cantar chamando os Orixás para aproximar-se dos filhos. Nesse momento acontece a incorporação, e é nesse processo que os Orixás vêm com suas respectivas danças, movimentos que eles trazem de suas essências, como por exemplo o Orixá Oxóssi. Seus movimentos possuem características de luta, como se ele tivesse mirando uma flexa em algo.

Podemos observar que no espaço sagrado do Candomblé, especificamente, no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, a educação dos filhos de santos é muito detalhada, onde cada um, tem o tempo e a hora de aprender. Nascimento (2019), explica que nessa pedagogia o aprendizado começa pela forma simbólica a de interpretação do símbolo, de forma que todo ato, ritual, cântico, reza, traz um aprendizado que deve ser compreendido e interpretado, obedecendo, claro, aquilo que se pode saber, pois, há uma hierarquia definida, sem que haja divisões do conhecimento. Essa hierarquia é definida conforme o sujeito completa a “idade de santo.”

Como se vê, dentro de um Terreiro de Candomblé se aprende o poder da palavra. São rezas, cantos, louvações, energias que trafegam para campos e espaços diferentes. Aprende-se que o processo de aprendizagem é lento, singular e, ao mesmo tempo, coletivo. Aprende-se com os mais velhos, os sábios! Há uma temporalidade que não tem as métricas lineares do ocidente. O tempo é outro! Os acontecimentos se desenvolvem simultaneamente. Aprende-se a cultuar seu Orixá, os cantos, as plantas, as cores, a dança, a roupa etc. A ancestralidade, por sua vez, é algo grafado na genética e na própria espiritualidade. Liga o ser aos seus descendentes mais remotos. É um caminho de energia e aprendizado que flui como um elo de tempos históricos distantes e, ao mesmo tempo, muito próximos, ao se materializarem através das incorporações nos rituais.

### 3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM FILHO DE SANTO

Tornar-se um filho de santo é quase um chamado. Todos nós temos um lado espiritual, mas existem pessoas que vieram ao mundo para desenvolver mais esse lado. Existem muitos fatores para chegar no momento desse chamado, na maioria das vezes, a pessoa começa a sentir sentimentos inexplicáveis. Em outros casos, há questão da herança familiar, onde os pais ou avós não aceitaram a “mediunidade”, e essa acaba passando para os filhos e netos. Um outro fator é o chamado que vem do coração, ou seja, o Orixá de alguma forma te leva a um determinado lugar para que o processo de desenvolvimento mediúnico comece. Geralmente nem se percebe.

Quando me tornei filho de santo passei por diversas experiências. Localizo todo o início na minha infância. Desde criança sempre acompanhei minha mãe nas rezas e nos festejos de Santa Maria que ela sempre fez. Minha mãe sempre foi médium, mas nunca aceitou essa condição. Eu, por outro lado, não conseguia entender toda essa dimensão espiritual. Lembro-me que ela frequentava uma casa onde tinha uma senhora dos cabelos muito bonito e longos. Ela sempre ia lá, mas nunca me deixou participar, mas como dificilmente controla -se uma criança, conseguia ver/ouvir certas coisas. Uma vez ainda escutei a senhora falando para ela que precisava aceitar o seu povo. Aquilo ficou na minha cabeça e, durante muito tempo, não falei nada sobre o que eu tinha escutado.

Um dia aconteceu algo intrigante. Fui para o rio tomar banho sozinho e senti pessoas me seguindo, mas não havia ninguém lá. Quando cheguei na beira desse rio senti cheiros de rosas, como se alguém tivesse ali me observando e com um cheiro muito bom. Não me assustei! Banhei, brinquei e voltei para casa. Quando cheguei falei para minha mãe, mas ela ficou calada.

Certo dia falei para a senhora, escondido da minha mãe, e ela disse que eram as mães D’água. Fiquei muito confuso com aquela informação, mas de alguma forma minha fé na encantaria ficou muito forte. Minha mãe dizia para deixar para lá, mas meu coração falava outra coisa.

Ao passar dos anos minha mãe foi realmente deixando a encantaria de lado. Já não dava mais importância e, no último dia do festejo de Santa Maria, ela teve um desmaio. Desde, então, nunca mais ficou boa de saúde.

Após o ocorrido minha mãe foi precisando de mais cuidados médicos, e no período da ocorrência a levamos para Teresina (Piauí). Lá muitos exames foram feitos, a fim de

descobrir o que estava causando tanta dor, mas não aparecia nada nos exames. Assim, o desespero começou a tomar conta dos filhos.

Ao passar dos dias, passando de hospital em hospital, e sem sucesso de descobrir a doença, o médico lhe deu alta. Ainda estava muito debilitada e não sabíamos o que fazer. Foi então que tive a ideia de levá-la a um terreiro, contudo eu não sabia como encontrar um terreiro dentre muitos na cidade de Codó MA. Um amigo me auxiliou me indicando um terreiro e foi lá que descobri que a doença da minha mãe tinha ligação com a encantaria. Porém, ele como ela havia deixado o tempo passar para desenvolver sua mediunidade, a matéria acabara adoecendo. Mesmo assim ela começou um tratamento espiritual para que melhorasse.

Ao adentrar ao terreiro com minha mãe, rapidamente me veio um misto de sensações. Paz, amor, alívio, era como se toda a tensão saísse do meu corpo. Pensei comigo mesmo: aqui é meu lugar. Assim, de acordo com o tratamento dela no terreiro, procurei entender melhor sobre a religião e o próprio terreiro Ilê axé de Oxóssi e Oxum em que ela estava fazendo o tratamento.

Mãe Nilza falava que não queria receber mais ninguém devido ao problema de saúde em que ela se encontrava, mas todos os dias, como até hoje, sento com ela para prosear, e foi nessas conversas que Mãe Nilza me aceitou no terreiro como filho de santo. Em janeiro de 2019 dei entrada como filho da casa. Porém, para fortalecer ainda mais o vínculo tive que passar pelo processo do jogo dos búzios.

No primeiro momento me preparei para jogar os búzios, a fim de saber se realmente a encantaria era para mim. Como de costume do ritual, vesti uma roupa branca e entrei no salão principal, a casa dos Orixás. Mãe Ruth preparou todo o ambiente para dar início ao jogo.

Quando Mãe Nilza começou o processo fiquei muito nervoso. O corpo estava quase que sem controle, as mãos ficaram frias, Mãe Nilza louvava os Orixás para que eles respondessem sobre minha vida espiritual no jogo.

De repente os búzios caíram sobre a mesa, e ela com o olhar firme observava cada detalhe. Eu sem saber de nada baixei a cabeça. Foi então que Mãe Nilza começa a falar: “Meu filho você nasceu para encantaria e ela nasceu para você. Estou olhando aqui que seu Orixá é calmo, mas que também quando se aborrece ninguém fica perto, meu filho você precisa se cuidar para que sua vida caminhe como deve ser”. Ouvi nervoso e ansioso tudo aquilo que ela me dizia.

Nesse processo de explicação do jogo, Mãe Nilza falara que o Orixá, dono da minha cabeça, estava pedindo uma obrigação. Além disso, me orientou também a parar de usar certos tipos de roupas, pois o Orixá que me acompanhava só vestia branco.

E foi assim. De primeira, o Orixá, dono da minha cabeça, respondeu e explicou o que deveria ser feito. Foi uma sensação única e incrível, mas ao mesmo tempo fiquei preocupado e com um pouco de medo de como seria minha vida dali por diante. Porém, nesse misto de sentimentos, senti uma paz e uma proteção muito grande em saber que eu tenho um Orixá, que o tempo todo está comigo e que irá mostrar o caminho certo que devo trilhar.

Logo comecei a me preparar para dar início a minha primeira obrigação. Nesse início houve todo um processo para chegar a esse momento como: explicações sobre o funcionamento da casa, o uso de roupas brancas a partir do momento que eu estivesse no terreiro, a necessidade de estar com o corpo limpo, a obrigação de louvar os Orixás, pedir benção à Ialorixá e Yakekerê da casa.

Tudo se aprende no cotidiano da casa. Precisamos colher as plantas para fazer o banho. Depois precisamos varrer e jogar o banho que foi feito. Tem a hora de cuidar das plantas e cuidar de fazer a comida. Tudo isso é feito de forma com os preceitos da casa, pois a regras são bem claras: zelar a casa do Orixá e ter respeito tanto por ele como para com família de Axé.

Ao passar dos dias foi me entregue a lista da obrigação. Obviamente, muita coisa que estava escrito eu não entendia, mas foram me explicando cada detalhe. É importante frisar que Mãe Nilza formou um barco de três pessoas para a obrigação: Eu, Luara e Klesiane. Segundo Rabelo (2015) barco refere-se aos grupos de Iaôs que é recolhido junto para a feitura. O barco é formado porque há muito filhos na casa e se cada obrigação levar apenas um filho de santo, levará muito tempo para que todos possam pagar a obrigação do Orixá. Portanto foi estipulado três dias de obrigação para nós, porém a explicação para esses três dias não foi permitida falar para os filhos de santo.

Mãe Nilza e Mãe Ruth fizeram todos o processo das nossas obrigações e, nesse período, fomos postos no salão para pegar tanto o Axé da casa, como dos Orixás, dono de nossas cabeças. Esse processo inicial de deitar para o santo ainda não é uma feitura como a lei do Candomblé exige, é apenas para purificar o filho e abrir caminhos para as energias boas. Deitar para o Orixá é um momento único, no qual nesse “deitar” se prender tudo sobre seu Santo, Orôs (rezas). Após finalizado a obrigação de limpeza, ainda passamos 7 dias no terreiro cumprindo certas regras que não podem ser expostas ao público, pois são segredos da religião que só um iniciado pode saber. Após tudo isso, retornamos as nossas casas, com a proibição de comer certos tipos de alimentos e sempre usar roupas claras.

Após as obrigações feitas começou um outro processo de aprendizado no terreiro. Foram me passadas certas atividades como fazer banho todas as quintas-feiras e ajudar quando tivesse Ebó para fazer. Essa palavra Ebó refere-se a uma prática de culto do Candomblé. Trata-

se de uma oferenda composta por vários elementos como ervas, grãos e utensílios litúrgicos como velas, frutas, legumes etc. É importante frisar que antes desse processo de fazer banhos, mãe Nilza e Mãe Ruth foram me explicando para que serve e como usar cada erva usada no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum.

O ebó é uma representação social, porque mantém uma coesão cultural igualmente, pois carrega em sua sacralidade, todo aquele conjunto de características supracitadas por antropólogos, psicólogos e historiadores. O ebó produz efetivamente uma espécie de contrato social, o qual legitima o compromisso do devoto com a sociedade que o cerca, a sociedade africana do Candomblé do Brasil. É o ebó uma ritualização do cotidiano responsável não só pela paz universal cósmica do Orixá Olorum, de Olodumare, mas pela felicidade e pelo axé das pessoas em nosso mundo dentro do sistema religioso iorubá. O ebó é, por último, um objeto de mediação de axé para o devoto. Por outro lado, podemos investigar igualmente a narrativa da receita da comida de ebó, entendendo primeiramente o sentido que devemos aqui conceber na narratividade. Mas também percebemos que uma receita escrita de ebó, já foi uma oralidade como fenômeno complementar ancestral. (ROCHA, 2022, p. 9).

Antes de realizar as atividades deu-se mais um ensinamento, desta vez sobre as plantas. Antes desse processo de fazer banhos, mãe Nilza e Mãe Ruth foram me explicando para que servia e como usar cada uma. É importante destacar que, para gravar toda a explicação feita por elas, precisei de total concentração da minha parte. Porém, mesmo assim, precisei recorrer a ajuda de um aparelho celular para gravar e transcrever logo depois.

No Ilê Axé, todas as quintas-feiras, a partir das 18:00hrs, acontecem as sessões de estudo. Porém, a minha atividade/obrigação/aprendizagem já começa bem mais cedo. É na parte da manhã que preparo o meu banho de ervas. Ao chegar no terreiro pela manhã tenho que tomar um banho de ervas, vestir roupa branca, pedir benção aos Orixás da casa, para as mães de santo. Logo depois vou rezar e pedir licença para colher as folhas específicas do dia.



Imagem 18 - Colhendo as ervas no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2021).

Imagem 19 - Fazendo o Banho de Ervas



Fonte: O Autor (2021).

As 18:00hrs os filhos de santo começam a chegar para tomar banho, vestir suas roupas brancas, rezar etc. Após tudo concluído, sentamos em círculos para iniciar a sessão de aprendizado e desenvolvimento espiritual. A mãe Nilza começa perguntado a cada filho como foi o dia e depois passa para as perguntas sobre a sessão anterior, em uma espécie de retorno a “aula passada”. Mãe Nilza também convoca a todos para cantar e louvar os Orixás. Percebam

a importância em que ela pergunta sobre o que foi aprendido na sessão anterior, mostrando para os filhos que nesse momento de aprendizagem a memória precisa ser ativada. Ela também não aceita consultas no caderno, pois, segundo a mesma, o cérebro precisa ser exercitado para que o filho se desenvolva.

É importante abordar que no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum não se cultua apenas o Candomblé, lá também se cultua o Terecô como explicado no capítulo I e II, portanto, durante as sessões no terreiro, os encantados têm permissão para incorporar nos filhos para conversar, ou, simplesmente, apenas dá uma passagem. Esse fenômeno acontece por que além do ambiente estar propício para o desenvolvimento espiritual, é o momento de desenvolvimento do próprio filho.

Imagem 20 - Sessão de aprendizado no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2021).

Em um Terreiro o processo de aprendizagem é circular. Precisamos nos olhar durante todo o processo. É tudo muito latente, vivo! Além do trabalho desenvolvido no campo espiritual, do conhecimento da vida e convivência com os Orixás, é preciso também, paralelamente, irmos nos conhecendo. Por isso a circularidade é importante. Essa circularidade nos permite vivenciar momentos únicos no terreiro, mostrando que apesar das diferenças e particularidade de cada um, é possível viver em harmonia. No terreiro se dança em círculo. A

circularidade é ancestral. Além disso, são ensinados aos filhos de santo a construção de valores éticos, fraternos, solidários etc.

Um outro aspecto que se trabalha é o filho de santo na sociedade. Direitos como o enfrentamento ao racismo, a intolerância religiosa, a tomada de posicionamento firme diante de qualquer preconceito etc.

Durante as sessões, e até mesmo fora dela, aprendemos a cantar e dançar, tanto os Xirês<sup>11</sup> dos Orixás como as doutrinas do Terecô e a Mina Jeje, pois no período do festejo do terreiro precisamos estar super afinados no canto e na dança.

Um fato que me chamou muito atenção no processo de ensino aprendizagem no terreiro foi a culinária, pois mãe Nilza e mãe Ruth nos explica com cada detalhe os pratos feitos para os Orixás. Nesse processo de aprendizagem percebi que há uma diferença entre a comida do Orixá e da população do terreiro. Um exemplo é o feijão preto! No processo de fazer esse prato para o Orixá, não se leva tempero, já na hora de fazer para o povo do santo e aos visitantes, pode-se colocar vários temperos de acordo com a necessidade.

Nas casas de candomblé, especificamente no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum comemora-se o Orixá da casa, o Orixá Oxóssi, e alguns meses antes da festa trabalhamos muito para que tudo ocorra bem. E nesse processo também aprendemos a costurar, desenhar, montar estratégia de como captar recurso para a festa, decorar o ambiente etc. Vale ressaltar que todo o aprendizado falado acima se intensifica ainda mais para que os filhos/filhas deixem tudo “no ponto” no dia da obrigação.

No terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, os filhos de santo passam por todos os processos de aprendizagem como explicado acima, contudo, passam-se anos para poder chegar na feitura do santo. Segundo mãe Nilza, às vezes, demora sete anos para que aquele filho faça sua feitura, e nesse período de tempo ele precisa passar por vários momentos de aprendizagem.

---

<sup>11</sup> **Xirê do Orixás:** Significa roda, dança, é o momento de invocação dos Orixá, como explica Vasconcelos (2010), “[...] é um conceito que evidencia suas características como uma sequência de louvações muito peculiar das festas de candomblé”.

Imagem 21 - Momento de aprendizado no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2021).

Imagem 22 - Momento de aprendizado alguns dias antes da Festa de Oxóssi

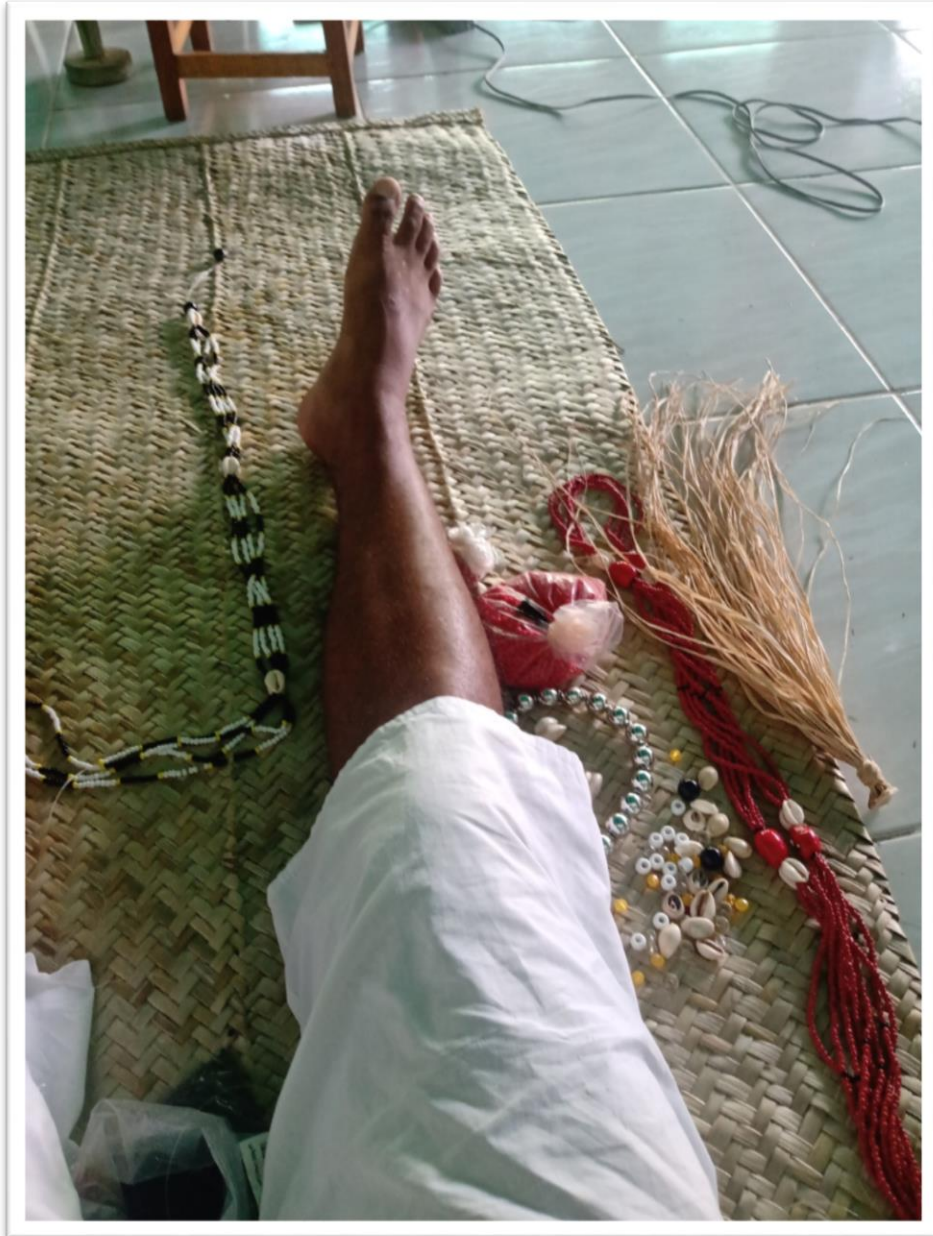


Fonte: O Autor (2021).

Durante esse meu processo de aprendizado no terreiro busco entender melhor certos símbolos do Candomblé, a exemplo da confecção das guias. Cada detalhe precisa de atenção.

A numeração é essencial, pois cada Orixá e encantado tem uma quantidade de números específicos. Tem que trabalhar cores, quantidade, ordem, tudo certinho.

Imagem 23 - Confeção de Guias no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2021).

Imagem 24 - Guias confeccionadas no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum



Fonte: O Autor (2021).

No Candomblé tudo tem que ser bem preparado. Mãe Nilza e Mãe Ruth coordenam a festa para que nada dê errado. Por isso, quando chega o dia da festa de Oxóssi, o Orixá da casa, ainda estamos trabalhando duro nos detalhes que precisam ser feitos, como por exemplo, espalhar as folhas no piso do salão, colocar as frutas no lugar certo, ajeitar a sonorização, e nesse período de revisão alguns filhos de santo já começam a tomar banhos de ervas que fica exposto no assentamento de Oxóssi.

À noite, na hora da festa, depois que tudo está em seu devido lugar, presencia-se vários filhos de santo transitando na casa com a roupa do Orixá, e nesse vai e volta, a pessoa que fica responsável em defumar o local chama todos para serem defumados para poder dar início a obrigação.

Mãe Nilza e mãe Ruth chamam os filhos de santo para ficarem todos (a) a postos para iniciar o Xirê (dança do candomblé), o sino começa a tocar e todos em uma só voz começam a cantar.



Imagem 25 - Momento antes de iniciar a festa



Fonte: O Autor (2021).

Imagem 26 – Família de santo momentos antes de iniciar a festa



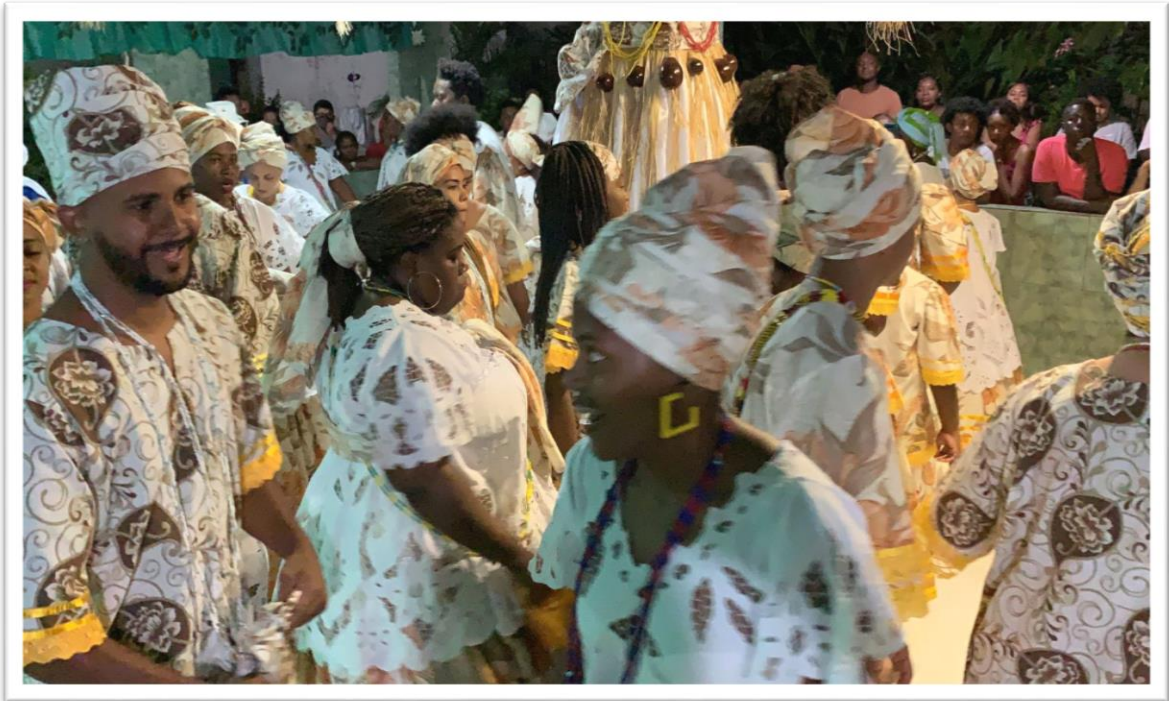
Fonte: O Autor (2021).

Imagem 27 - Festa de Oxóssi



Fonte: O Autor (2021).

Imagem 28 – Alegria - Festa de Oxóssi



Fonte: O Autor (2021).

O processo de aprendizagem de um filho(a) de santo(a) dura a vida inteira. São graus de evolução que vão sendo alcançados ao longo do tempo. Como pesquisador percebo que há uma necessidade imperiosa de mergulhar na pesquisa, ou seja, viver o Terreiro para que se possa entender melhor todo o processo vivenciado nessa formação. No meu caso, esses dois mundos se encontraram, pois atendi a um “chamado” vindo trabalhar o meu lado espiritual no Terreiro Ilê Axé.

Talvez, por isso, seja tão difícil seguir uma única metodologia para falar do Terreiro e da formação de um filho de santo. A cultura eurocêntrica tem todo um procedimento, uma epistemologia construída a partir da forma que enxerga os indivíduos, a sociedade e o universo. São apartados deles mesmos. A cultura oral, ancestral, religiosa de matriz africana, barbaramente execrada durante séculos, tem uma outra forma de construir conhecimentos, pois se apoia em outras bases para compreensão dos indivíduos. Este indivíduo nasce acompanhado, ou seja, não está apartado dos seus ancestrais, permanece numa ligação astral e umbilical com a natureza, pois ele, também, aprende ao longo da vida que é a própria natureza. Sendo assim, a sua forma de pensar e proceder passa pelos ensinamentos dos mais velhos em um profundo aprendizado.

No Ilê Axé, os processos foram acontecendo concomitantemente. Os meus registros nas sessões, no dia-a-dia, serviram para subsidiar as minhas reflexões na construção desse

trabalho. As minhas vivências, o trabalhar com as plantas, o tomar banho, o se sentir “limpo”, não só do corpo, das vestes, mas, principalmente, a limpeza do espírito, favoreceram para compreender melhor todo esse aprendizado. É um mundo no qual voltamos a nos interligar, verdadeiramente, com a natureza. Tudo é importante e faz sentido para nós, filhos e filhas de santo. Precisamos da natureza viva, pois são os elementos da natureza que os Orixás representam.

Aprendemos a respeitar o poder das plantas, da cura através delas, dos banhos, acerca da roupa branca, do respeito aos mais velhos, respeitamos o princípio da senioridade. É com eles que está essa grande sabedoria guardada. São os grandes Mestres e Mestras que nos conduzem, nos ajudam a enxergar o melhor caminho. Aprendemos a nos posicionar diante de vida, das dificuldades e dos desafios colocados no dia-a-dia. Somos portadores de axé. Energia que transmitimos e nos é transmitida. Representa o amor, a união, a sabedoria, a paz, o pensamento bom, a abertura de caminhos etc.

Ao longo deste trabalho também apliquei treze questionários para compreender como os outros filhos percebiam esse processo de formação. A investigação foi realizada entre 15 de outubro de 2022 e 13 de novembro de 2022. Esta é a época do ano em que aumenta a disponibilidade das zeladoras de santo e dos filhos no Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codo - MA, pois é um período em que todos estão mais descansados.

Diante desse delineamento, observações, entrevistas e questionários, entrevistei as duas zeladoras; onze filhos de santo mais velhos e três filhos novo.

Foi feito um recorte por gênero (masculino e feminino); idade (19-24, 25-31, 35-40, 45-78) e Condição de atividade (ocupado, não ocupado). Inicialmente para conhecer o perfil dos entrevistados foram disponibilizados 5 campos para respostas: Nome, idade, nível de escolaridade, ocupação atual e idade no terreiro. Do total de 13 pessoas todos se identificaram. Nove são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino. Quanto ao nível de escolarização, (sete) tem o ensino médio, um com o médio técnico, um com magistério, uma com o fundamental incompleto, duas com o ensino superior completo e um em fase de conclusão.

Os dados foram coletados em entrevistas no terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum através de questionários estruturados. As entrevistas individuais foram realizadas entre setembro e outubro de 2022, pois apesar do terreiro ser um espaço de movimento constante de pessoas, precisou-se de muita paciência para que as entrevistas acontecessem.

No questionário aplicado com as Zeladoras quando perguntadas sobre quais métodos Pedagógicos eram usados no terreiro, de acordo com grau de cada filho para transmissão dos conhecimentos, Mãe Nilza colocou

Eu e Ruth fazemos igual nosso pai de santo fazia. Todas as quintas-feiras reunimos os filhos de santo, pedimos que todos tomem seus banhos antes e depois devem vestir a roupa branca. Depois que todos estão no ponto, nos reunimos em forma de círculo para rezar e começar os estudos. O local que escolhemos para esses estudos é em frente ao barracão, pois é onde tem muitas plantas sagradas. Peço que todos anotem o que vou explicando, e dou um tempo para analisar o que eu disse, e explicar quando eu perguntar. Também peço que cada um estude em casa o que expliquei para na próxima sessão eles falarem. Esse é o ensino coletivo. Já o individual, eu chamo cada um e vou ensinando certas lições que não se pode revelar aqui (informação verbal).<sup>12</sup>

Quando perguntadas se consideravam o Terreiro um espaço educativo, sobre o que era ensinado ao filho de santo e sobre o uso de tecnologias responderam

Acredito que o que passamos, como decodificar os sinais de tudo o que está ao seu redor, entender o que os astros nos que mostrar, compreensão de mundo, leitura, escrita [...]. O Terreiro além de ser um local sagrado, ensina valores, responsabilidades, disciplina, respeito e além disso é um local de cultura e aprendizados, sempre através da oralidade (informação verbal).<sup>13</sup>

O uso da tecnologia no terreiro não é muito bem-vinda, pois a gente sempre prezou pela privacidade, a tecnologia, esse celular, confunde muito a cabeça das pessoas, como os encantados falam... ‘isso é um feiticeiro!’. Hoje a gente deixa porque usamos para registros, usamos também a caixa de som e microfone para dar altura a nossa voz, também escutamos músicas voltada para as religiões de matriz africana. (informação verbal).<sup>14</sup>

Com relação aos filhos e filhas de santo quando perguntados sobre a educação nos Terreiros e quais estratégias utilizam para melhorar a aprendizagem, responderam

A educação no terreiro é muito interessante, pois lá nossas mães de santo nos ensinam a ter disciplina, respeito, sempre ajudar o outro... elas também nos ensinam sobre as plantas, para que serve cada uma. Para nós a parte mais difícil é entender a linguagem, pois como nossa nação é Ketu, precisamos aprender a língua Yorubá, por isso estamos sempre com um caderno na mão para poder anotar tudo. (ENTREVISTADO 1).

Tem que ter muito foco, atenção e respeito. (ENTREVISTADO 2).

Nas sessões aprendemos as tradições da religião, costumes e as formas correta de como agir diante de diversas situações. (ENTREVISTADO 3).

Quando perguntados de que forma levam o aprendizado para a vida pessoal, sobre a o período da pandemia e uso de tecnologias no Terreiro, responderam

Levo para minha vida cotidiana o respeito e valores da religião, e para nós é uma luta diária ter que lutar contra o preconceito, tentando mostrar que a nossa religião é repleta de amor, paz e respeito. (ENTREVISTADO 4).

<sup>12</sup> Informação fornecida por Mãe Nilza de Odé, Ialorixá e comandante do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codó, em gosto de 2022.

<sup>13</sup> Informação fornecida por Mãe Nilza de Odé, Ialorixá e comandante do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codó, em gosto de 2022.

<sup>14</sup> Informação fornecida por Mãe Ruth da Omi, Yakekerê do Terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum em Codó, em gosto de 2022.

Tivemos pouco acesso afim de preservar a saúde da nossa mãe de santo, por isso, o nosso principal meio de comunicação e interação foi através de celular. (ENTREVISTADO 5).

O ponto positivo da tecnologia no terreiro é de maior acessibilidade e comunicação, já o negativo é que se usado demais pode haver desconfiguração das nossas tradições. (ENTREVISTADO 6).

Com base nas respostas identifiquei que todos consideram o terreiro como um espaço de grande importância para o processo de aprendizado, pois acreditam que além da escola existem outros ambientes propícios para o processo de ensino aprendizagem, como os terreiros de matrizes africanas citado ao logo dos capítulos desse trabalho. O Terreiro, assim, é o lugar no qual as pessoas escolheram para cuidar dos seus processos espirituais, entrar em sintonia com seu Orixá e, assim, poder caminhar na vida sem tropeços. A vida flui melhor quando estamos em perfeita sintonia com o nosso Orixá.

Sendo assim, o caminhar de um filho de santo no terreiro de Candomblé é lento e cuidadoso até chegar à feitura. Nesse caminhar todo o processo de aprendizado é de suma importância, pois se aprende tudo no cotidiano do terreiro. Além de aprender a rezar, louvar o Orixá, e entender a religião através da oralidade, desenvolve habilidades como cozinhar, cuidar da natureza, saber usar as plantas medicinais, costurar e levar esse aprendizado para além dos muros do terreiro. Aprende a olhar a vida com outras lentes que a escola formal não possibilita. No Terreiro não temos livros! A nossa grande fonte de sabedoria está na nossa Ialorixá, Mãe Nilza de Odé, e na mãe pequena da casa, Ruth de Oxum. Lá se aprende, se erra, se acerta o tempo todo. Afinal, a vida é movimento. Sob o comando de Mãe Nilza vamos nos formando, nos orientado, aprendendo a viver em comunhão com nossos irmãos e irmãs. Aprendemos a valorizar a natureza como ele deve ser valorizada. Tudo faz sentido com ela. Quando a vida está em desarmonia, ela também está. Assim, o Candomblé nos ensina o caminho da harmonia com a natureza, como o nosso Orixá e com o nosso espírito. Em síntese, é uma grande escola!

## 4 CONCLUSÃO

Este trabalho me proporcionou uma experiência extraordinária, pois no primeiro momento que adentrei o espaço do terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum fui atrás de cura para minha Mãe. Não era intenção ir além disso, mas era como se os Orixás aguardassem minha chegada, como se o caminho que percorri já estivesse predestinado chegar até eles. No decorrer dos processos de ensinamentos, a minha mãe Ialorixá Nilza de Odé me fez olhar com mais atenção para a educação, uma educação pautada na vivência, onde ela nos ensina valores muito importantes para nossa vida no santo e na vida cotidiana, como o respeito, a disciplina, a persistência, fé, e a ser ético. Nesse processo de aprendizado no terreiro percebi que a pedagogia usada é aquela que permite o filho de santo se desenvolver como um ser consciente dos seus direitos e deveres.

Trabalhar nessa perspectiva como pesquisador, não foi difícil, pois além de saber como a casa funciona, tornei-me filho de santo do terreiro. Primeiramente conversei com mãe Nilza e Mãe Ruth sobre minha pesquisa, e de que forma elas poderiam me conduzir nesse caminhar. Com toda delicadeza elas falaram, que sim, que elas iriam ajudar no que fosse preciso, pois também sou filho de santo da casa, o que agregaria ainda mais meu desenrolar na pesquisa. A partir desse momento comecei uma longa caminhada, pois além de passar a ser pesquisador dentro daquele ambiente, passei a ser pesquisado também.

Este trabalho consiste na chegada de um povo que trouxe consigo uma cultura rica e pautada na oralidade, muitas vezes negada, que me possibilitou conhecer com mais consistência sobre a religião africana, e a pedagogia adotada pela Ialorixá, bem como, o processo de educação que perpassa um filho de santo no terreiro de Candomblé.

Esse caminhar da religião afro-brasileira e o processo educativo que acontece no terreiro de matriz africana me fez entender que há uma história, há um processo rico e delicado a ser visto com outros olhares, pois da mesma forma que a escola tem todo um processo educativo, o terreiro não deixa de mostrar também que pode educar de forma significativa.

Durante a pesquisa fui percebendo que dentro do terreiro tem doutores, professores, advogados, juízes, cientistas etc. A educação ensinada no terreiro mostra o quanto precisamos aprender e perceber que esse espaço é de suma importância para a sociedade, onde lá encontramos valores, respeito para com o próximo e o respeito para com a natureza.

No processo desta pesquisa fui aprendendo ainda mais com Mãe Nilza, Mãe Ruth e os demais que compõem o terreiro. Um exemplo desse aprendizado é que além de saber viver e compreender o próximo, trabalhar em grupo é essencial, pois o conjunto é muito importante

no terreiro de Candomblé. Aprendemos a viver em comunidade. O Terreiro é o espaço da nossa formação religiosa, mas, é também, o nosso centro cultural. Lá fazemos as nossas comemorações e festas tradicionais.

O terreiro de Candomblé por ser um espaço de fluxo de aprendizado, os mais novos precisam estar a todo momento ativos para que possam adquirir o máximo de informações possíveis para fins da preservação do Axé e da religião.

Manter o terreiro de Candomblé dentro de Codó - MA não é uma tarefa muito fácil, pois aqui já se encontra uma religião predominante, que é o Terecô. Além disso, o racismo religioso existente, muitas vezes, inviabiliza ajuda financeira para realizar os festejos e a própria manutenção do espaço.

Considerando que vocês viajaram na leitura e nas imagens desse processo histórico, religioso e de aprendizado no terreiro, é possível presumir que algo pode ter lhes chamado atenção. Contudo, cada capítulo desse trabalho traz uma história, um aprendizado, onde mostra o processo de chegada dos povos africanos, e a sua disseminação cultural religiosa até o processo de aprendizado de um filho de santo no terreiro de Candomblé.

No primeiro capítulo, fica evidente que os africanos traficados para o Brasil trouxeram consigo uma rica cultura, que, por sua vez, multiplicou-se por todo o território brasileiro. No processo dessa difusão cultural, uma nova religião nasceu no Brasil, o Candomblé, uma religião baseada na cultura africana.

Como o Candomblé multiplicou-se por todo o território Brasileiro, os Estados que mais se destacaram nesse processo de expansão cultural foi a Bahia, Pernambuco e Maranhão, isso porque foram os Estados que receberam maior concentração dos povos africanos. É perceptível que a aceitação da religião afro-brasileira sofreu muito preconceito e perseguições tanto por parte da Igreja, quanto dos senhores europeus da época, mais que resistiu e continua resistindo até hoje.

No segundo capítulo buscou-se abordar os fundamentos filosóficos, pedagógicos e religiosos que demarcam o terreiro Ilê Axé de Oxóssi e Oxum, onde os mesmos trabalham nos filhos de santo uma pedagogia pautada no princípio da oralidade, baseada na cultura iorubá, onde procura mostrar para os filhos que o respeito, a ética, a dignidade e a disciplina são essenciais no Terreiro de Candomblé.

No terceiro Capítulo, buscou-se compreender a complexidade que envolve a formação de um filho de santo desde a chegada no terreiro de Candomblé até a sua iniciação no santo. Contudo, nesse mesmo capítulo é possível analisar várias fotos do terreiro Ilê Axé de



Oxóssi e Oxum, juntamente com alguns aprendizados diários que um filho de santo passa nesse espaço.

Finalizando, acredito que aprender no terreiro vai muito mais além do que imaginamos, pois além de entender como é de fato a religião, observam-se vários pontos importantes no processo de ensino aprendizagem nesse ambiente. Aprende-se a zelar pelo seu Orixá, a conviver em harmonia com as suas irmãs e irmãos, a cuidar da espiritualidade, da natureza, a ter uma relação mais próxima com as plantas, rios, a importância da cor de vela, o porquê de ascendê-las e para quem ascendê-las. O aprendizado no terreiro é um processo demorado e o êxito desse processo requer muita responsabilidade, compromisso e muita dedicação, mesmo que alguns não tenham apoio da família de sangue, e é por isso que a família de santo é muito importante, pois, está sempre ali para ajudar e incentivar, onde também por sua vez a Ialorixá se torna a psicóloga, advogada, juíza, professora daquele filho e daqueles filhos de santo. Os desafios são muitos e encarados, diariamente, para que o filho de santo seja uma boa pessoa, um bom Babalorixá ou Ialorixá se assim for seu destino, e/ou um bom profissional fora do muro do terreiro.

## REFERÊNCIAS

AFRO E ÁFRICA. Casa das Mina Jeje e Nagô. Disponível em: <http://claudio-zeiger.blogspot.com/2010/11/casa-das-minas-no-maranhao.html>. Acesso em: 28 out. 2022.

AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: uma etnografia sobre terecô, precisão e encantaria em Codó (Maranhão). 2013.

\_\_\_\_\_. Tempo de roupa nova: beleza e transformação no tambor da Mata de Codó (MA). **Illuminuras**, v. 15, n. 35, 2014.

AHLERT, Martina; LIMA, Conceição de Maria Teixeira. A família de Légua está toda na eira: tramas entre pessoas e encantados. **Etnográfica, Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 23, n. 2, p. 447-467, 2019.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. Umbandização, candombleização para onde vai o terecô?. *In*: X SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, **Anais...** 2008.

AZEVEDO, Vitor Amorim Moreira de *et al.* **Ewé Igbo**: árvores sagradas do candomblé no contexto socioambiental. 2015.

BARBOSA, Wesley. **Da África ao Brasil**: uma cultura não divulgada. [S. l.]: Clube de Autores, 2017.

BARROSO, Ednilson. **Estruturas residenciais da comunidade quilombola de Santo Antônio dos Pretos**. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Residential-structures-of-the-Santo-Antonio-dos-Pretos-quilombola-community\\_fig2\\_341489211](https://www.researchgate.net/figure/Residential-structures-of-the-Santo-Antonio-dos-Pretos-quilombola-community_fig2_341489211). Acesso em: 4 abr. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

CAPUTO, Stela Guedes. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, p. 773-796, 2015.

CAPUTO, Stela Guedes; PASSOS, Mailsa. Cultura e conhecimento em terreiros de Candomblé-lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá. **Currículo sem fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 93-111, 2007.

CASTILLO, Lisa Earl; PARÉS, Luis Nicolau. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para uma historiografia do candomblé ketu. **Afro-Ásia**, n. 36, 2007.

CORREIA, Paulo Petronilio. **Agô, orixá! Gestão de uma jornada afro-estética-trágica**: o relato de um aprendizado e de uma formação pedagógica vivida no candomblé. 2009.

COSTA EDUARDO, Octavio de. **The Negro in Northern Brazil**: a study in acculturation. JJ Augustin, publisher, 1948.

CRUZ, Luan da; TITO, Raphael de Paula. A comunidade LGBT no desdobramento da língua iorubá. **Cadernos do CNLF: Sociolinguística, dialetologia e geografia lingüística**, v. 20, n. 12, p. 9-21, 2016.

DIAS, Fabiana. Candomblé: Religião africana mais praticada no mundo. *In*: CANDOMBLÉ: Religião africana mais praticada no mundo. EDUCAR MAIS BRASIL, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/em/religiao/candomble>. Acesso em: 28 out. 2022.

DOMINGUES, Petrônio. Um pedaço da África do outro lado do Atlântico: o terreiro de candomblé Ile Iya Mi Osun Muiywa (Brasil). **Diálogos Latinoamericanos**, n. 12, p. 22-41, 2007.

ESTADO do Maranhão: aspectos gerais. 2009. Disponível em: <https://brasilcc.blogspot.com/2009/08/estado-do-maranhao-aspectos-gerais.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. O útero pulsante no candomblé: a construção da “afroreligiosidade” brasileira. **Sacrilegens**, v. 9, n. 1, 2012

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. A Mina maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com outras tradições afro-brasileiras. 2008.

\_\_\_\_\_. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra?. Editora Siciliano, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tambor de Mina e Umbanda**: o culto aos caboclos no Maranhão. 1997.

\_\_\_\_\_. **Tambor-de-mina em São Luís**. 2006.

FERRETTI, Sergio F. Candomblé da Bahia. **Afro-Ásia**, n. 41, 2010.

FREITAS, Janierk Pereira de *et al.* Religiões afro-brasileiras: estudo de caso do Candomblé em Cajazeiras-PB. **Dimensões**, n. 31, p. 205-227, 2013.

GIL, Antonio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOI, Jéssica Caroline *et al.* Processos educativos em um terreiro de candomblé de Uberaba? MG, 2020.

GOMES, Bruno Ferreira. A história do candomblé. **TOTUM – Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 4, n. 2, 2017.

JESUS, D. A. de; FONTELA, I. F. O preconceito religioso encoberto na intolerância da sacralização animal no Candomblé. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 24, 2020.

KIMURA, Verônica; LUNARDI-MENDES, Geovana M. Atravessando os portões: educação nos terreiros ou o que a escola poderia aprender. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 46, p. 1-15, 2021.

MACEDO, Y. M.; MAIA, C. B.; SANTOS, M. F. dos. Pedagogia de terreiro: pela decolonização dos saberes escolares. **Vivências**, Erechim, v. 15, n. 29, p. 13-25, jul./dez. 2019. Doi: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v15i29.50>.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, p. 289-300, 2004.

MARTINS, Samartony. Terreiro de Iemajá é tema de exposição em São Luís. **O imparcial**, 18 nov. 2018. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2018/11/terreiro-de-yemanja-e-tema-de-exposicao-em-sao-luis/> Acesso em: 29 out. 2022.

NASCIMENTO, Moisés Santos. O uso do whatsapp na transmissão do saber religioso do Axé Ojo L'Onin. **Revista Encantar**, v. 1, n. 2, p. 390-396, 2019.

OLIVEIRA, Davi Benvindo de *et al.* O Terecô na Comunidade Santo Antônio dos Pretos (Codó-MA): pertencimento religioso e resistência. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 209, p. 65-76, 2018.

PAIVA, Maria da Conceição. **A presença africana na culinária brasileira: sabores africanos no brasil.** 2017. 134f. Tese (Doutorado em História da África) – Programa de Pós-Graduação em História da África – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

PEREIRA, Ilka Cristina Diniz. **Pelas mãos de mãe Nilza: mulheres negras e religião em Codó-MA.** 2019. Tese (Doutorado em Educação), Codó, Ma, 2019.

PORTAL GELEDÉS. Candomblé do Brasil. 2009. Disponível em <http://candombleu.mafamiliadeaxe.comunidades.net/o-candomble-no-brasil>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PORTAL GELEDÉS. Casa Branca do Engenho Velho. 2008. Disponível em <https://www.geledes.org.br/casa-branca-do-engenho-velho/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, v. 18, p. 223-238, 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABELO, Miriam. Aprender a ver no candomblé. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 229-251, 2015.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2006.

RISÉRIO, Antonio et al. **Uma história da cidade da Bahia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2016. 624 p. (788589309295, 8589309290).

ROCHA, Fábio Libório. Àwo Fifè Nlá: comida de santo como cultura afro-brasileira. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, v. 3, n. 1, p. 66-87, 2022.

SANTANA, Maria Aparecida Santos. **Educação de terreiro: o terreiro de Candomblé como lugar de educação**. 2017.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. De vodum a caboclo: trajetória de legbá no terreiro de tambor de mina e terecô. **Revista Calundu**, v. 1, n. 1, 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SOBRINHO, Pedro. **Legado do babalorixá Jorge da Fé em Deus**. Revista eletrônica Plural, 30 jan. 2012. Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/pedrosobrinho/2012/01/30/legado-jorge-da-fe-deus/>. Acesso em: 29 out. 2022.

SOUZA, Leonardo Sebastião Delfino de *et al.* **Territorialidades da intolerância religiosa: resistência cultural e o preconceito contra a Umbanda e o Candomblé em Ituiutaba-Minas Gerais**, 2021.

SOUZA CRUZ, Sandra Regina; DUPRET, Leila. **Religiosidade Afro-brasileira e educação: desafios de um fazer pedagógico no Terreiro**. 2010.

TEIS, M. A.; TEIS, D. T. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-8, 2006.

VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Axé, orixá, xirê e música: estudo de música e performance no candomblé queto na Baixada Santista. **PhD Diss.**, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

VASCONCELOS, Márcio. Casa Fanti-Ashanti. 2009. Disponível em: <https://www.marciovasconcelos.com.br/casa-fanti-ashanti/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

VIANA, Nilza Moreira. **Entrevista concedida a Ilka Cristina Diniz Pereira**. Codó, 06 de setembro de 2018.

VIEIRA, Roberto Carlos et al. Candomblé e educação não formal: a dinâmica da formação litúrgica em ambientes sagrados, a partir da contribuição da mulher negra, para reafirmação da identidade negra. **SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Alteridade, Direitos Fundamentais e Educação**, 2018.